

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

GABRIELLE DA CUNHA

**Da Síria a São Paulo: a vinda de famílias refugiadas sírias
ao interior paulista**

São Carlos, SP
2023

GABRIELLE DA CUNHA

**Da Síria a São Paulo: a vinda de famílias refugiadas
sírias ao interior paulista**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como requisito para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social, sob a orientação do Prof. Dr. Igor José de Renó Machado.

São Carlos

2023

Cunha, Gabrielle da

Da Síria a São Paulo: a vinda de famílias refugiadas sírias ao interior paulista / Gabrielle da Cunha -- 2023. 90f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador (a): Prof. Dr. Igor José de Renó Machado Banca

Examinadora: Prof^ª Dra. Alexandra Cristina Gomes de Almeida,

Prof^ª Dra. Liliana Lopes Sanjurjo Bibliografia

1. Antropologia. 2. Imigração síria. 3. Interior paulista. I. Cunha, Gabrielle da.
II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Ronildo Santos Prado - CRB/8 7325



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Gabrielle da Cunha, realizada em 09/05/2023.

Comissão Julgadora:

Prof. Dr. Igor José de Renó Machado (UFSCar)

Profa. Dra. Liliana Lopes Sanjurjo (UERJ)

Profa. Dra. Alexandra Cristina Gomes de Almeida (UFSCar)

Documento assinado digitalmente
gov.br IGOR JOSE DE RENO MACHADO
Data: 09/05/2023 18:17:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Agradecimentos

Há tantas pessoas a agradecer nessa minha trajetória de entrada e finalização do mestrado que com muito esforço listarei as que a minha gratidão e coração mais alcançam neste momento. Uma das coisas que aprendi na vida da Pós-Graduação é o quanto ela é coletiva e cooperativa: obrigada àqueles que generosamente me apoiaram e auxiliaram quando precisei.

Quero agradecer a minha família por me apoiar e acreditar em mim, mais que eu mesma, na maioria das vezes. Obrigada pai (Geraldo), por todo o esforço de pegar trabalho extra para comprar o material escolar de suas filhas e filho, quero te agradecer principalmente por isso e por todo o bem. Muito obrigada mãe (Maria das Graças), por todo cuidado, orações e amor dedicado a mim. Foi o que me possibilitou ser quem eu sou. Grace, muito obrigada por você ser a irmã mais velha que cuida e apoia. Obrigada pela oportunidade de ser a tia Gabi de duas pessoas incríveis, o Lucas e a Clarinha. Obrigada por todas as revisões ortográficas que você fez da dissertação e dos meus trabalhos. À minha irmã e amiga Teka: muito obrigada pelos conselhos, conversas e parceria que me ajudaram muito a atravessar as angústias da escrita e cuja presença e amizade deixa mais divertida e amorosa a vida. Ao meu irmão Geraldo, pelo apoio de sempre, por também ter me dado a oportunidade de ser a tia do Yan e do Léo. À Pamella e ao Paul, cunhada e cunhado, agradeço pela generosa amizade e por cuidarem das pessoas que eu amo.

Aos interlocutores desta pesquisa, gratidão pela generosidade, confiança e amizade que construímos ao longo das visitas a campo.

Às amigas e aos amigos, em especial a Maria Clara Chianca, obrigada amiga pela escuta atenta, conversas antropológicas, risadas e apoio. À Regina Alvarenga agradeço pelas conversas e risadas nesses anos de amizade. Ao meu amigo de longa data, Léo Almeida, agradeço todo apoio e orações. Ao meu companheiro, Filipe Noé da Silva, cujas

leituras, incentivo, apoio e amizade me fortaleceram e me ajudaram a caminhar com mais confiança para a finalização do mestrado.

Ao meu orientador, Igor J. R. Machado, agradeço sua acolhida desde o primeiro e-mail que eu te enviei em que você prontamente já se colocou para conversar comigo e me convidou para as reuniões do LEM. Obrigada pela compreensão (não é todo orientador que entende o ritmo e demanda de orientandos que trabalham), pela paciência, por sempre ter acreditado na minha pesquisa.

Aos colegas do LEM (Laboratório de Estudos Migratórios): admiro muito cada um de vocês, obrigada pelas revisões dos meus textos, pela aprendizagem, apoio e incentivo ao longo do mestrado.

Aos professores e pesquisadores do PPGAS (UFSCar), onde aprendi e cresci muito no percurso das aulas das disciplinas que cursei com vocês.

Aos colegas de turma de Mestrado 2019: Bruno, Paula, Daniel, Mariana, Yuri, Pablo e em especial, à Maíra Pradelli, com quem consegui estabelecer uma relação de amizade e que agradeço muito toda ajuda e apoio nas disciplinas e no processo da escrita da dissertação.

À minha psicóloga Pollyana Oliveira, todas minhas conquistas, desde junho de 2021, trazem uma participação indireta sua, e esta dissertação, sem dúvida alguma, só foi possível graças à contribuição do seu trabalho analítico: muito obrigada.

Aos estudantes das escolas em que trabalhei, aos amigos e colegas das escolas em que passei, às mulheres do Coletivo Mulheres Empoderadas, do Coletivo Na Escola e na Luta e ao pessoal do saudoso cursinho Popular Cipó de Saber: foi e é muito bom sonhar e estar com vocês na luta pela transformação social através da Educação.

Ao Sérgio Campos Esporte, sou eternamente agradecida pelo seu apoio e companhia em alguns trabalhos de campo, nas idas a eventos, na partilha das angústias do mestrado.

À Bruna Massaro, pelas aulas de inglês que me ajudaram não só com a língua inglesa mas com a melhoria nos meus estudos e escrita.

Ao Fábio e ao Eduardo, respectivamente o antigo e o atual secretário do PPGAS, muito obrigada por prontamente me auxiliarem nas dúvidas, trâmites burocráticos, pelo cuidado e respeito sempre presentes nos atendimentos realizados por vocês.

Às funcionárias da biblioteca Municipal de Mogi Mirim: por meses, nas tardes, me refugiei na biblioteca para a escrita da dissertação e fui sempre muito bem recebida.

Às professoras, Dra. Liliana Sanjurjo e Dra. Alexandra, muito obrigada por me concederem a honra de tê-las em minha banca e por todo aprendizado e contribuição para o presente trabalho.

Agradeço o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) pela concessão da bolsa de pesquisa.

Às providências divinas, sempre generosas no meu caminhar nesta vida.

RESUMO

A presente pesquisa de mestrado se propõe a analisar a relação da migração síria histórica com a vinda de famílias refugiadas sírias para Itapira, cidade do interior paulista, para compreender as semelhanças e permanências na experiência migrante de uma família estendida síria que em 1945 teve uma familiar que veio morar no país. Depois dela, em decorrência dos impactos da guerra da Síria, seu irmão e seus sobrinhos vieram se refugiar nesta mesma cidade, a partir de 2011, e também foram por ela apoiados. Utilizando a observação etnográfica, dados estatísticos e bibliografia das áreas da Antropologia, Sociologia, História e Demografia sobre migrações internacionais e refúgio no estado de São Paulo e do Brasil, entre 1880 a 2016, verificou-se, a partir das trajetórias dos interlocutores participantes da pesquisa, que as semelhanças e permanências no processo de integração das famílias refugiadas se assemelham àquelas experienciadas pela tia. Em geral, estão relacionadas à dificuldade de comunicação devido ao idioma, da visão preconceituosa com que a sociedade receptora possuía em relação a eles, mas também as oportunidades de viver e ter uma vida digna em território estrangeiro depois de anos estabelecidos no Brasil. Além disso, evidencia também que as categorias migratórias homogenizam e enquadram refugiados num processo que retira sua identidade, peculiaridades e diversas possibilidades e modos de existência que cooperam com os processos de invisibilização para a manutenção da vulnerabilidade social e retirada de direitos. Além da adaptação, a trajetória de refugiados religiosos e de conflitos é marcada pelas memórias da violência que sofreram e de certa forma os mantêm ligados, ou não, com a terra natal.

Palavras-chave: Migração síria histórica; Experiência migrante; Categorias migratórias; Refúgio.

ABSTRACT

This research aims to analyze the relationship between historical Syrian migration and the arrival of Syrian refugee families to Itapira, a city in the countryside of São Paulo, in order to understand the similarities and continuities in the migrant experience of a Syrian extended family that in 1945 had a relative who came to live in the country. After her, due to the impacts of the Syrian war, her brother and nephews came to take refuge in this same city, starting in 2011, and were also supported by her. Using ethnographic observation, statistical data and bibliographic references from Anthropology, Sociology, History and Demography on international migration and refuge in the state of São Paulo and Brazil, between 1880 and 2016, it was verified, from the trajectories of the interlocutors participating in the research, that the similarities and continuities in the integration process of refugee families are similar to those experienced by the aunt. In general, they are related to the difficulty of communication due to the language, the prejudiced view that the receiving society had towards them, but also the opportunities to live and have a dignified life in foreign territory after years established in Brazil. In addition, it also shows that migratory categories homogenize and frame refugees in a process that removes their identity, peculiarities and diverse possibilities and modes of existence that cooperate with the processes of invisibilization for the maintenance of social vulnerability and withdrawal of rights. In addition to adaptation, the trajectory of religious and conflict refugees is marked by memories of the violence they have suffered and in a way keeps them connected, or not, with their homeland.

Keywords: Syrian migration; migrant experiences; migrant categories; refugee.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- População total e estrangeira no estado de São Paulo 1890-2000.....38

LISTA DE MAPAS

MAPA 1- As províncias formadas pelo mandato francês.	50
MAPA 2- Estados formados pelo Estado francês e suas emancipações.....	51

Sumário

Introdução	14
Motivação para a pesquisa.....	15
Entrada no campo	17
A trajetória migrante de Ema.....	19
Caminho metodológico.....	21
Contextualização histórica e geográfica do campo e as categorias migratórias	23
Estrutura da Dissertação	28
Capítulo 1: A imigração na região de Campinas entre 1880- 2016	29
1.1 A mão de obra imigrante em substituição a mão de obra escrava no interior paulista	30
1.2 A imigração na região de Campinas.....	36
1.3 Imigração árabe	40
Capítulo 2: O conflito sírio e seus impactos na esfera individual e coletiva	47
2.1 Uma breve história da Síria para compreender a guerra civil	48
2.2 As interpretações do conflito por interlocutores refugiados no Brasil.....	53
2.3 Memórias da violência e os impactos subjetivos e coletivos da Guerra	58
2.4. O ressentimento e a experiência imigrante	61
Capítulo 3: A trajetória da família de Kalil e Mariam	64
3.1 O amparo social aos refugiados na cidade de Itapira.....	67
3.2. Categorias e significações.....	70
CONCLUSÃO.....	80

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	83
ANEXO A- Roteiro de perguntas para entrevista com servidor da Assistência Social da cidade de Itapira- SP	89
ANEXO B- Publicação do relato baseado na trajetória de Mariam na Revista Travessia.....	90

INTRODUÇÃO

A presente dissertação se propõe a analisar a relação da migração síria histórica com a vinda de famílias refugiadas sírias para Itapira, cidade do interior paulista, para compreender as semelhanças e permanências na experiência migrante de uma família estendida síria que em 1945 teve uma familiar que veio com seu esposo morar no país e, a partir dela, seu irmão e seus sobrinhos vieram, devido aos impactos da guerra da Síria, morar na mesma cidade e com o apoio da tia.

Constatou-se que a rede de apoio de uma antiga geração migratória síria, já estabelecida no Brasil, foi importante para a vinda e permanência de deslocados forçados da Guerra da Síria e de que há mais semelhanças que diferenças nas experiências migratórias dos interlocutores da pesquisa, mesmo que ambas tenham ocorrido em épocas e contextos históricos diferentes.

Esta proposta etnográfica propõe também extrapolar categorias pré-estabelecidas e produzidas por órgãos estatais sobre refúgio e migração, uma vez que para além destas conceituações, as biografias e circuitos de sobrevivência de diferentes gerações de famílias sírias, cujas vidas são permeadas por deslocamentos, refúgios e histórias de guerra, são atravessadas por nuances, estratégias e articulações em seu cotidiano como forma de sobreviverem e integrarem-se à sociedade brasileira. É nesse sentido que a pesquisa faz uso de um arcabouço etnográfico sobre biografia e memória para dar conta de contar, através de meus interlocutores, suas trajetórias que são atravessadas por diferentes tipos de memórias, solidão, redes de apoio, experiências de multiculturalidade, bem como tentativas e dificuldades de integração como cidadãos em solo brasileiro.

A importância desta pesquisa é construída também pela necessidade de contribuir com os estudos que pensam os fluxos migratórios no país a partir de 2010, as estruturas que esses deslocamentos mobilizam, as evidências em torno de como o Estado e a sociedade brasileira e suas instituições dialogam e amparam, ou não, os movimentos migratórios. Há uma diversidade de estudos nesse âmbito com os quais esta dissertação dialoga, dentre eles destaco as pesquisas de Juliana Silva (2020), Alexandre Branco Pereira (2020), Alexandra Almeida (2021), Fábio Pucci (2021), Meihy (2019) e Rojas (2021).

Motivação para a pesquisa

Pessoalmente, também tenho uma trajetória migrante, pois morei em três estados brasileiros diferentes e imaginava o quanto deveria ser difícil mudar e se integrar a um novo país, uma vez que conheci as dificuldades dos processos de adaptação ao ter migrado por diferentes estados do Brasil. Como minha primeira formação é Relações Internacionais, a Guerra da Síria me chamava a atenção pelas questões geopolíticas que a permeavam e me sensibilizava com os impactos da Guerra na vida de milhares de sírios e sírias que foram forçados a deixarem o país.

No trabalho final de uma disciplina da Pós-Graduação que cursei como aluna especial na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas) fiz um trabalho que abordava a vida dos refugiados sírios e para realizá-lo eu passei pelo pré-campo desta pesquisa no ano de 2016. Comecei, então, a procurar em jornais a presença de refugiados sírios na região de Campinas e encontrei a notícia de um jornal online da cidade de Itapira¹ e que trazia uma matéria

¹ Disponível em: <https://www.cidadedeitapira.com.br/portal/newsShow/--diaspora--siria-respinga-em-itapira/9226>. Acesso em: 02/08/2023.

Jornalística, publicada no dia 02/09/2012, que comentava a história de Ema² e dos sobrinhos que vieram se refugiar no Brasil por intermédio dela.

Entre 2011 e 2016, o tema migração e refúgio estava nas pautas das redes de TV brasileiras devido aos fluxos migratórios que chegavam ao Brasil e ao Sul global.

O Brasil, que no início da década de 2010 estava consolidado como a sétima economia do mundo³, se tornou um dos países de destino para populações que foram forçadas a se deslocar em decorrência de fenômenos naturais ou mudanças climáticas, conflitos civis e políticos. Segundo dados do Conare e do Atlas da Migração, entre os anos de 2010 e 2017, o que antes totalizava cerca de 933 solicitações anuais de refúgio no Brasil, o país passou a receber 33 mil ao ano (REVISTA FAPESP, 2022).

Segundo Rosana Baeninger (2017), o número de reconhecimento de pedidos de refúgio no Brasil é muito menor que as solicitações, estando a Síria com o maior número de reconhecimento de imigrantes na condição jurídica de refúgio, entre 2010 até abril de 2016. A abordagem da mídia sobre os fluxos migratórios de haitianos e sírios, entre 2011 a 2015, trazia a falsa impressão de que o Brasil estava sendo invadido pelos refugiados e imigrantes, quando na realidade mesmo com o fluxo imigratório o país ainda continuava tendo mais brasileiros emigrando para o exterior do que acolhendo imigrantes⁴.

Victor Hugo Kebbe da Silva (2020), em um artigo sobre mídia e refúgio, analisou 177 notícias veiculadas entre os anos de 2016 e 2017 para verificar como a mídia nacional trouxe a abordagem dos deslocamentos e como projetou imagens e colaborou para a criação de um imaginário social sobre refúgio e migração. Segundo o levantamento, poucas notícias abordaram como positiva a presença de refugiados no

² O nome Ema e dos outros interlocutores da pesquisa não correspondem aos seus verdadeiros nomes.

³ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/pib-do-brasil-ultrapassa-do-reino-unido-pais-se-torna-6-economia-do-mundo-3513784>. Acesso em: 02/08/2023.

⁴ Entre os anos de 2010 a 2020 a emigração de brasileiros aumentou 35%. Disponível em: <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/09/03/numero-de-brasileiros-morando-no-externo-nunca-foi-tao-grande-como-agora.ghtml>. Acesso em: 02/08/2023.

Brasil, a maioria das notícias (52) abordava a questão da migração e refúgio apresentando-a como um problema social, despolitizando o sujeito migrante como vulnerável, vítima, e reforçando a imagem do Brasil como país hospitaleiro, que acolhe imigrantes – o que não acontece no cotidiano pois temos uma generalizada falta de políticas públicas à população migrante (SILVA, 2020, p.177)

As questões sobre raça, gênero e classe interpelam também a migração no Brasil. Os refugiados sírios são mais acolhidos que os refugiados angolanos, venezuelanos e senegaleses. Sobre este ponto, dialogo com Pereira (2020) que, ao realizar uma etnografia com refugiadas imigrantes, ressalta a interseccionalidade presente na migração ao mostrar quando um interlocutor congolês disse que se percebeu negro somente estando no Brasil, e que aqui há um refúgio branco e um refúgio negro, uma vez que sírios chegam no país, abrem restaurantes, são comerciantes, enquanto refugiados africanos e haitianos moram nas ruas e muito comumente são explorados em subempregos. Segundo Pereira, “a experiência de ser negra determina uma experiência particular do refúgio” (PEREIRA, 2020, p. 46). Deste modo, a xenofobia, a exploração da mão de obra imigrante em situações análogas à escravidão, assassinatos de imigrantes haitianos e africanos demonstram o quanto o Brasil está longe de ser um país capaz de ofertar as condições necessárias e dignas para o refúgio. Em comparação às outras nacionalidades, os sírios são mais aceitos no país, mas tampouco estão livres da xenofobia e dos preconceitos.

Entrada no campo

Era uma manhã de janeiro de 2016, quando entrei em uma loja da cidade de Itapira para obter informações e conversar com familiares da dona da loja que estavam morando na cidade. Com seu auxílio, devido aos desdobramentos da guerra na Síria, fui em busca das informações que eu tinha lido na notícia sobre essas famílias: este foi o passo fundamental para poder acessá-los.

A dona da loja era Ema, que nesse dia não conversei muito comigo. Embora Ema seja a principal rede de apoio migratório de seus familiares e amigos para a vinda ao Brasil, com ela só conversei no campo realizado no ano de 2019. Nas vezes que encontrei com Ema, em algumas circunstâncias, ela demonstrava abertura para conversar. Isso, contudo, não ocorria em outras ocasiões, e eu respeitava esses limites. Sua sobrinha Hana⁵ que estava na loja da tia me falou para ir ao seu estabelecimento mais tarde para que ela pudesse conversar comigo, e eu fui.

O estabelecimento era uma padaria: o prédio era antigo e apresentava, em seu interior, um aspecto escuro no fundo do balcão e que dava acesso às escadas que levavam para a casa, no sobrado do prédio. Havia, perto das portas de entrada, em meio ao sol, outras pessoas também sírias que se reuniam à mesa para tomar café juntos. Em árabe falavam, riam e me dei conta de que naquele momento, aquela mesa iluminada pelo sol era um território sírio e cujos indivíduos, através da partilha da vida, experienciavam um simulacro da vida cotidiana síria em solo brasileiro, um lapso de tempo e espaço de uma ruptura histórica e geográfica advinda de uma guerra que devastou seu país e marcou profundamente suas vidas.

Hana conversou pouco comigo e pediu licença porque tinha que fazer suas tarefas. Em seguida, pediu que eu conversasse com suas filhas, Sara e Zara, que falavam bem português e que poderiam conversar bem comigo.

Para este dia eu elaborei uma entrevista estruturada, mas a conversa se tornou mais fluida e as filhas de Hana foram me contando aspectos relacionados à violência da guerra que foi um dado que nenhum outro adulto me contou (e que estão no capítulo 2 da dissertação). Depois de

⁵ Hana é a filha de Hamir e sobrinha de Ema, ela é a mãe de Sara e Zara, cujos relatos estão presentes no capítulo 2 da dissertação. Hana não gostava de contar sobre sua trajetória. No primeiro dia que a vi, ela falou poucas coisas como sua profissão, ela era professora na Síria e que seu marido havia ficado no país, ela me recomendou a falar com as filhas e irmão porque não falava muito bem em português. Em 2019, numa tentativa de conversar com ela, ela não aceitou e então não a procurei mais por perceber que ela ficava desconfortável com a minha presença e para conversar comigo, por isso a menciono mas não possuo informações ulteriores sobre ela.

conversar com as adolescentes, Hana indicou que eu conversasse com seu irmão, Kalil, que falava bem português: fui até a sua loja.

Quando cheguei à loja e me apresentei, Kalil gentilmente disse que poderia conversar comigo e me pediu para sentar e aguardar enquanto ele terminava de atender um cliente. Ele estava disposto a falar de sua trajetória, mas também da história da formação do povo árabe e de sua contribuição até mesmo na cultura brasileira. Fez, então, uma narrativa sobre a geopolítica da guerra da Síria, conforme relatos presentes no capítulo 1 da dissertação.

Ele me contou sobre o quanto os brasileiros foram generosos com eles, principalmente as pessoas de uma das paróquias da cidade e que o povo brasileiro era muito hospitaleiro. Depois desse dia, noutra ocasião, entrei novamente em contato com Kalil (já em 2019), para verificar se eles poderiam participar como interlocutores da minha pesquisa de mestrado. Ele aceitou e me convidou para ir à sua casa para conversar com sua esposa, Mariam.

Mas em 2016, o campo apresentava pessoas e condições diferentes com as quais me encontrei a partir de 2019: uma delas foi que apenas a família estendida de Ema permaneceu em Itapira. Os amigos e amigas da família que moravam em Itapira, e que vi na padaria no dia em que fiz a visita a eles (cerca de oito pessoas que usualmente aparecem nas estatísticas), migraram para os Estados Unidos, para São Paulo e para Jacutinga, em Minas Gerais, por terem feito outras redes de migração. O Banco Interativo das Migrações do Observatório das Migrações em São Paulo, ao analisar os fluxos migratórios no Brasil de 2010 a 2016, através da pesquisa em documentos e dados das instituições responsáveis pela acolhida dos refugiados como a Polícia Federal e a Cáritas, mostrava que na cidade de Itapira havia vinte e dois sírios amparados pela Lei do Refúgio em 2016 (NEPO, 2018). Esse aspecto reforça o argumento de Rosana Baeninger (2017), que entende o Brasil como um destino provisório de imigrantes e refugiados, sendo um lugar de passagem. Indica, também, que os familiares de Ema permaneceram no Brasil por conta do apoio por ela proporcionado.

A trajetória migrante de Ema

É importante mencionar e contar sobre Ema, pessoa central que constituiu a rede migratória de apoio para a vinda do irmão, sobrinhos e conhecidos à cidade de Itapira.

É profícuo e reconhecido o debate e a relação entre memória, biografia e História. Porém, a memória e a biografia também se fazem presentes e mantêm relações com a Antropologia. Ao colocar em diálogo os pontos de intersecção entre narrativas biográficas e a Antropologia, Suely Kofes (2015) procura evidenciar os pontos em comum entre etnografia e biografia no método e finalidade. Segundo a autora:

(...) a narrativa biográfica encontra-se com a etnografia ao marcarem para a antropologia a experiência da alteridade (...) e se ambas forem orientadas em sua atenção aos contextos de relações, às concepções por uma atitude que não procura encaixar o objeto em categorias externas, mas extrair as construções com as quais operam os agentes em seus campos semânticos próprios (KOFES, 2015, p. 37).

Levillain (*apud*: SILVA, 2017, p. 55) acreditava na biografia, na trajetória individual, como o meio caminho entre a memória particular e a coletiva por permitir, a partir dela, se analisar as forças da História, os fatos e os comportamentos coletivos, as realidades econômicas e sociais.

Nesse sentido, conhecer a biografia de Ema nos aproxima da compreensão dos fatos macrossociais de seu tempo e sobre como sua vida foi interpelada diante do deslocamento, bem como as semelhanças que há nas dificuldades que ela enfrentou como imigrante no Brasil nas décadas de 1950 e 1940 e nas que seus familiares enfrentam como imigrantes e refugiados no Brasil a partir de 2011.

O cunhado de Ema chegou ao Brasil no ano de 1908 para morar com os tios que tinham uma fazenda na cidade de Itapira. Como ele tinha muitos irmãos, e era muito estimado pelos tios, eles o adotaram e ele passou a viver com eles no Brasil.

Ema e seu esposo (cujo nome não me confidenciou) chegaram ao

Brasil no ano de 1948. Ele veio para ajudar o irmão em seus negócios na cidade de Itapira. Ela tinha 18 anos e, à época, não pensava que estava vindo em definitivo para o Brasil. Quando chegou, pensava que esta viagem seria apenas uma visita ao cunhado. De suas memórias, Ema lembra:

Viajei 21 dias no mar até chegar em Santos, após aportar na referida cidade, passei por São Paulo, Campinas, adorei essas cidades, Campinas lembra muito minha cidade natal, Homs. Mas quando cheguei em Itapira, não gostei da cidade, por muitas vezes insisti ao meu esposo que não queria ficar, que gostaria de voltar para a Síria, mas no fim acabei ficando mesmo descontente (Ema, 2019).

No início da moradia no Brasil, Ema não conseguia se integrar à cidade: as diferenças de idioma e cultura fizeram com que ela permanecesse isolada por muito tempo. No ano de 1966, ela e o esposo abrem uma loja de calçados na rua principal da cidade. Este estabelecimento permanece funcionando até o presente momento da pesquisa.

Ema entrou como imigrante no Brasil, e é conhecida na cidade pelo apelido de “Turca” e também por ser muito devota de Nossa Senhora. Pessoas católicas da cidade comentaram comigo que quando as procissões passam por sua casa, há sempre um altar de Nossa Senhora e a manifestação de fé dela sempre é muito forte e bonita.

Ema tem cuidado do comércio e de toda a sua família. Segundo sua sobrinha, ela cuidou de toda a família, mesmo quando seus familiares adoeceram: inclusive o seu esposo. Em 2016, já viúva, também havia auxiliado o irmão e sobrinhos antes, durante e após a permanência deles no Brasil.

Como uma das comerciantes mais antigas da cidade, Ema possui imóveis comerciais alugados no centro da cidade. Dois desses prédios foram por ela cedidos a Hana (que teve uma padaria e há vários anos possui uma sorveteria), e a Fadi, seu sobrinho, que abriu uma loja de conserto de eletrônicos e eletrodomésticos.

Caminho metodológico

Ao fazer uma pesquisa antropológica é importante ter em vista a reflexão proposta por Mariza Peirano (2014) de que a etnografia não é puramente um método. Ao contrário, ela traz em si a teoria consigo, sendo difícil fazer uma dissociação entre teoria e prática (PEIRANO, 2014).

Comumente, a Antropologia é chamada a explicar fenômenos, relações e sociedades. Porém, essa não é a função da Antropologia. Marylin Strathern (2017) lembra que: “a Antropologia Social está comprometida com determinado ponto de vista, segundo o qual a vida social é complexa: ela é um fenômeno relacional e, sendo essa sua natureza, não pode ser reduzida a princípios ou axiomas elementares” (STRATHERN, 2017, p.349), não sendo mais possível pensar nas descrições antropológicas como um ato meramente descritivo, ingênuo. Ao escrever não estamos só descrevendo, estamos nos engajando em instrumento de visibilização.

Os relatos etnográficos foram realizados em 2016 (pré-campo da pesquisa que direcionou o meu projeto de mestrado), em 2019, ano em que conheci Hamir e Mariam, no início de 2020, antes da pandemia da Covid-2019 e também em 2022. É uma pesquisa cujo recorte temporal se estendeu entre os anos 2016 e 2022, e que permitiu acompanhar algumas mudanças na vida e na própria percepções dos interlocutores. Isso, naturalmente, trouxe alguns desafios na análise e escrita da dissertação mas que evidenciam as dinâmicas e o quanto os deslocamentos alteram as dinâmicas do parentesco.

Além do contato, visitas e entrevistas semi-estruturadas realizadas com Ema, Sara e Zara (filhas de Hana), Fadi, Mariam e Hamir, também realizei entrevistas estruturadas com pessoas de instituições sociais da cidade com as quais as famílias sírias entraram em contato, tais como o padre católico da paróquia central da cidade e um funcionário da Secretaria de Assistência Social (entrevista em anexo). Em ambos os casos, o objetivo era verificar a relação da sociedade itapireense com eles, visto que Hamir e Mariam haviam me falado sobre como sentem a exclusão social

na cidade, qualificando ela como anti-social, muito oposta à própria sociedade síria e à cidade de Jacutinga, onde o outro filho de Hamir mora. Tampouco tive a oportunidade de entrevistá-lo.

Contextualização histórica e geográfica do campo e as categorias migratórias

Uma situação específica e vivida por migrantes e refugiados que vivem nas capitais do país, como São Paulo, que possui uma população migrante organizada e que garantiu como conquista a Secretaria de Direitos Humanos, além de organizações religiosas e da sociedade civil que pensam na acolhida e integração desse grupo social à cidade (ALMEIDA, 2021) a partir da Lei Municipal nº16.478 que instituiu a Política Municipal para a População Imigrante. No interior do país, essa população é invisibilizada e não possui, muitas vezes, referências para buscar auxílio e acesso a garantias sociais. O que os interlocutores da pesquisa conseguiram acessar, em termos de direitos, foi graças ao auxílio da tia. Na entrevista com o funcionário da Assistência Social do município, ele confirmou que a tia sempre acompanhava as famílias, ajudando-os quando o idioma constituía um entrave para eles se comunicarem e buscar por auxílio.

A cidade que recebeu meus interlocutores é Itapira, situada na região metropolitana de Campinas, com uma população estimada em 75.683 pessoas⁶, e com o calculado em IDH 0,762. Com esses números, Itapira é considerada a 335ª cidade no ranking brasileiro de melhor cidade com desenvolvimento humano⁷. Tornou-se município em 1871, sob o nome de “Penha do Rio do Peixe”: nome este que seria substituído por “Itapira” no ano de 1890 passando a ter o presente nome Itapira em 1890⁸.

Há contrassensos sobre o nome da cidade. Alguns dizem que havia uma fazenda no território chamada Itapira, alguns defendem que a mudança de nome veio para apagar da História um crime que aconteceu na cidade e deixou o antigo nome com má fama pelo fato de haver envolvidos políticos escravagistas da cidade. A escravidão é um fato

⁶ Dados disponíveis em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/itapira.html>. Acesso em: 02/08/2023.

⁷ Conforme dados apresentados pelo “IDHM Municípios 2010”. Disponível em: <https://www.undp.org/pt/brazil/idhm-munic%C3%ADpios-2010>. Acesso em: 02/08/2023.

⁸ Disponível em: <https://www.cidadedeitapira.com.br/portal/municipio-historia>. Acesso em: 02/08/2023.

histórico que marca a construção das estruturas sociais de uma dada sociedade, porém, em Itapira (como em outras cidades do Brasil e do mundo afora) há um apagamento da memória da escravidão pelas elites locais⁹ e também reverbera na pesquisa quando meus interlocutores a conceituam como uma cidade antissocial, quando o padre de uma das igrejas da cidade relata o preconceito enfrentado por eles na cidade.

Assim como boa parte do Estado de São Paulo, o café foi o impulsionador econômico na região onde Itapira está localizada, tendo destaque a linha férrea da Companhia Mogiana. Além da agricultura, o comércio também estrutura a economia da cidade. Sob a perspectiva imigratória, a cidade recebeu muitos imigrantes portugueses, italianos e, em menor escala, árabes.

Convém apresentar alguns dados de Homs, cidade natal de meus interlocutores. Segundo Hana e Ema, ela “lembra muito Campinas”. Homs é uma cidade de importância geoestratégica, localizada entre as cidades de Damasco (capital) e Alepo, perto do Líbano e era a terceira economia da Síria. A cidade foi uma das mais atingidas pela guerra civil iniciada em 2011¹⁰, de modo que os impactos são locais, regionais e internacionais. Por sua ser estratégica, logo no início do conflito, a cidade foi ocupada pelo Estado Islâmico.

Os rebeldes, contrários ao governo de Bashar Al Assad, localizavam-se nesta cidade. Homs ficou destruída devido aos fortes ataques que o governo sírio dispensou para retomar a cidade que tinha áreas ainda dominadas pelo grupo terrorista Estado Islâmico, que ocuparam territórios, mataram, escravizaram e se apropriaram dos bens de grupos étnicos e religiosos que não fossem muçulmanos. Sendo assim, boa parte dos interlocutores

⁹ Texto: “Há 130 anos, a cidade da Penha do Rio do Peixe mudava seu nome para Itapira”. Disponível em: <https://www.itapiranews.com.br/ha-130-anos-a-cidade-de-penha-do-rio-do-peixe-mudava-seu-nome-para-itapira/>. Acesso em: 18/01/2022.

¹⁰ Em 2011, teve início na Síria manifestações para exigir a saída do presidente Bashar Al Assad tido pelos manifestantes como ditador. Essas manifestações ocorreram na Síria também ocorreram na Líbia, Egito, esse movimento que pedia um regime democrático com eleições ficou conhecido como Primavera Árabe. Na Síria, forças pró e contra governo iniciaram um conflito civil que já dura seis anos. Uma solução política para o conflito ainda não foi encontrada, visto que há forças locais, regionais e internacionais que fazem com que o conflito permaneça.

da pesquisa, além de serem refugiados de guerra, também sofreram perseguição religiosa. O Brasil passou a receber muitos deslocados forçados deste conflito, pois a relação entre Brasil e Síria é histórica devido aos movimentos migratórios que ocorreram desde o final do século XIX. Esse motivo, aliás, é um dos argumentos que embasaram a resolução normativa nº17, de 20 setembro de 2013, do Comitê Nacional para Refugiados (CONARE)¹¹, que dispõe sobre o visto humanitário para refugiados sírios e que são expedidos nos consulados do Brasil no Líbano e na Jordânia. Devido à guerra, o consulado do Brasil na Síria foi fechado.

Foi considerada para a criação da medida adotada de concessão do visto humanitário às vítimas do conflito na Síria, além dos laços históricos que unem a República Árabe da Síria ao Brasil, onde reside grande população de ascendência síria, a crise humanitária, o alto número de refugiados, a constante busca por refúgio em território brasileiro, as dificuldades dos refugiados de chegarem até o território brasileiro para solicitar refúgio, a excepcionalidade do caso e a necessidade de facilitar o deslocamento desses refugiados ao território brasileiro para a concessão do refúgio. A medida instituiu que até 2017 seria concedido o visto humanitário a indivíduos afetados pelo conflito armado na República Árabe Síria que manifestassem vontade de buscar refúgio no Brasil. (ITAMARATY, 2019).

Mas o que significa ser refugiado e ter essa condição reconhecida? Refugiados são aqueles que perderam a segurança em seus Estados e, para fugirem de guerras, da perseguição política, religiosa, das violações de direitos humanos perpetradas pelos seus países de origem, atravessam as fronteiras à procura de segurança e para salvarem suas vidas. A definição de refugiado é um marco legal do Direito Internacional e difere do termo migrante, que não tem caráter legal e designa pessoas que buscam

¹¹ Criado pela Lei nº 9.474/1997 com o objetivo de reconhecer e tomar decisões sobre a condição de refugiado no Brasil, além de promover a integração local dessa população, o Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) é um órgão multiministerial do qual participam o governo, a sociedade civil e a ONU, por meio do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR)" (ACNUR, 2018). 24

voluntariamente migrar em busca de melhores condições socioeconômicas (ACNUR, 2018).

Não irei utilizar apenas a palavra refugiado e refugiada para me referir aos interlocutores da minha pesquisa, pois conforme esboço no Capítulo 3, refugiado é uma categoria limitada e que cumpre uma certa lógica na estrutura estatal, mas que não representa todas as realidades e subjetividades dos sujeitos migrantes, e tampouco dos refugiados e imigrantes que compõem esta pesquisa. O próprio Kalil e sua família são considerados pelo Estado brasileiro como brasileiros naturalizados, uma vez que seus filhos nasceram no país, Hana é reconhecida como refugiada e Ema como imigrante e naturalizada.

Tal percepção foi a que Pereira (2020) obteve em sua etnografia com imigrantes e refugiadas em instituições da sociedade civil que oferecem serviços de saúde mental na cidade de São Paulo. Segundo Alexandre Branco Pereira (2020):

(...) purificar a experiência migratória abarcada pela categoria do refúgio mostrou-se contraproducente. Primeiro, a categoria era definitivamente vazada e porosa, e não conseguiria abarcar a experiência dessas pessoas em toda sua extensão. Este primeiro fato obrigou-me a abandonar a categoria de “refugiada” ou “solicitante de refúgio”: minhas interlocutoras raramente separavam os sujeitos somente entre imigrantes, refugiadas e brasileiras, ou entre estrangeiras e nacionais (PEREIRA, p. 23, 2020).

Pereira (2020) escolheu utilizar o termo refugiada-imigrante em sua pesquisa. Eu irei referir na pesquisa o termo “refugiado” e “imigrante”, separados, por “e” porque categoricamente eles ocupam esses dois lugares e se identificam em diferentes situações e espaços como um ou outro. É importante evidenciar que os nomes expostos aqui não são os nomes verdadeiros das pessoas interlocutoras da pesquisa.

Como a dissertação foi desenvolvida no intervalo de tempo entre 2019 a 2022, o meu trabalho de campo também foi impactado pela pandemia da Covid-19, o que exigiu medidas de prevenção e controle dos casos por meio de distanciamento social. Diante disso, continuei conversando com os meus interlocutores através de aplicativos como WhatsApp e Facebook. De fato, essa condição representou um verdadeiro

desafio para nossa comunicação: em alguns dias, as conversas ficavam restritas a cumprimentos cordiais e não avançavam, gerando um sentimento de distanciamento entre eu e eles. Em outros dias, por sua vez, as conversas avançavam mais. Tais desafios etnográficos foram notados também na pesquisa de doutorado de Juliana Silva (2021), que também realizou etnografia com deslocados do conflito sírio na cidade de São Bernardo do Campo. Segundo Silva:

A mudança do meio em que as interações ocorriam, do presencial para o digital, também trouxe desafios suplementares no que tange a comunicação, dado que elementos que auxiliam a compreensão nas interações sociais, como a expressão facial, o tom da voz ou formas sutis de pedir para que a pessoa esclareça o que quis dizer, não estavam tão disponíveis. Para além disso, tive dificuldades em encontrar formas eficientes para conduzir as interações em meio digital, já que a dinâmica da interação e a construção de presença são distintas neste espaço (SILVA, 2021, p. 16).

Ao mesmo tempo que a pandemia nos forçou a modificar nossa comunicação para o meio virtual, dificultando as interações, ela trouxe, ao mesmo tempo, outro tipo de acesso e relação dos interlocutores conosco. No caso da pesquisa de Silva (2021) seus interlocutores passaram a solicitar auxílio para questões burocráticas, como: envio de documentos online, a solicitação do auxílio emergencial concedido pelo governo brasileiro em 2020, doações e trabalho remoto.

No caso da minha pesquisa, Kalil me pediu auxílio para ajudar um refugiado sírio que estava em um campo de refugiados, na fronteira da Síria e Turquia, e que através das redes sociais, solicitou sua ajuda. O refugiado sírio queria qualquer trabalho na Crescente Vermelha ou alguma outra ONG, e Kalil acreditou que eu podia auxiliá-lo visto que numa outra ocasião ele me pediu ajuda para um refugiado egípcio que entrou em contato com ele. Ao verificar se o registro migratório dele estava pronto, entrei em contato com a Cáritas, do Rio de Janeiro, onde consegui a informação solicitada, e o refugiado egípcio conseguiu pegar seu registro migratório. Portanto, Kalil pensou que eu também poderia ajudar essa outra pessoa. Kalil, em sua compreensão, me vê como uma jornalista.

Estrutura da Dissertação

A presente dissertação está dividida entre: introdução e as sessões que têm por objetivo localizar o leitor na justificativa, objetivos e principais relatos etnográficos aliados à teoria que cooperam para o entendimento do caminho metodológico e resultados da pesquisa em mais três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado “A imigração na região de Campinas entre 1880- 2016”, há o levantamento dos dados estatísticos sobre a migração de sírios e libaneses na região de Campinas e no Estado de São Paulo no final do século XIX e início do século XX; no capítulo 2, a partir de relatos de Sara, Zara, Hamir e Kalil, serão apresentadas e debatidas as memórias da violência da guerra síria; no terceiro capítulo, a partir das trajetórias de Kalil e Mariam, serão discutidas as categorias migratórias, a sociabilidade, a multiculturalidade e os desafios da vida em outro país.

Capítulo 1: A imigração na região de Campinas entre 1880- 2016

O presente capítulo apresenta, através de dados estatísticos e bibliografia da área, uma contextualização histórica da imigração no Estado de São Paulo entre os finais do século XIX até o século XXI, tendo como recorte a região de Campinas, onde está localizada a cidade de Itapira: município onde foi realizada a presente pesquisa. O capítulo está dividido em três tópicos: o primeiro falará sobre o imigrante como força produtiva e parte das dinâmicas do sistema capitalista, o segundo tópico falará sobre o histórico da imigração, o terceiro, e último, tratará sobre a imigração sírio-libanesa na região de Campinas e no Estado de São Paulo durante o período abordado neste capítulo.

O ciclo econômico do café foi um grande propulsor para a ocupação do interior do Estado de São Paulo, principalmente a partir de 1886, quando começou a implantação das ferrovias, sendo Campinas uma das regiões da então Província de São Paulo a se destacar na produção cafeeira. A cidade de Campinas nasceu como um bairro rural da Vila de Jundiáí, no século XVIII. Nesse período, foi batizada de Campina do Mato Grosso passando a se chamar, em 1774, Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Campinas do Mato Grosso; depois, em Vila de São Carlos, já em 1797. A cidade passou a se chamar Campinas a partir de 1842¹² quando as plantações de café já haviam substituído as plantações de cana-de-açúcar. Nesse período, aconteceu a vinda de imigrantes italianos para trabalhar nas lavouras de café juntamente com as pessoas escravizadas nas fazendas da região.

O grande desenvolvimento econômico e industrial no século XX fez a região de Campinas crescer e se destacar no Estado como uma de suas principais regiões econômicas. Depois da capital São Paulo, a

¹² História de Campinas. Disponível em: <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/origens.php>. Acesso em: 02/08/2023.

macrorregião de Campinas é uma área de grande investimento e urbanização e que sempre atraiu imigrantes. Segundo Ortega (2012), as regiões de São Paulo e Campinas se beneficiaram do capital gerado pelo café: processo que proporcionou a construção de ferrovias, investimentos na indústria e crescimento do comércio.

Similarmente à história de outras cidades interioranas, Itapira também surgiu a partir da doação de terras de um grande latifundiário que construiu uma capela em devoção a um santo ou santa católicos. No caso de Itapira, seria Nossa Senhora da Penha e o desenvolvimento do seu núcleo urbano se deu a partir da economia cafeeira que comportou a exploração da mão de obra escravizada e imigrante, tendo sua base econômica e social, predominantemente escravagista.

1.1 A mão de obra imigrante em substituição a mão de obra escrava no interior paulista

Abydelmalek Sayad em seu texto “O que é um imigrante?” destaca a figura imigrante como uma força de trabalho, estando essa subjugada e sendo vulnerabilizada pelas forças produtivas capitalistas. Em seus estudos, Sayad coloca a migração como tema central para compreender a vida social e sua interligação com o colonialismo e os entraves dos países centrais e periféricos¹³ entendendo-a como um fator total, ou seja: ela está interligada a todos os aspectos da vida social. Como exemplo é possível citar a Guerra na Síria que se originou por interesses de diversos atores na esfera local e internacional e que impactou na vida de muitos sírios que perderam trabalho, casa, foram perseguidos por motivos políticos e religiosos e foram forçados a se deslocarem para outros países, tendo a própria vida e relações modificadas pelo deslocamento forçado.

A vinda de imigrantes ao Brasil, a partir de meados e final do século

¹³ Vide: VILLEN, Patrícia & DIAS, Gustavo Dias. 2021. "Migração - Abdelmalek Sayad". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.flch.usp.br/conceito/migracao-abdelmalek-sayad>. Acesso em: 02/08/2023.

XIX, estava atrelada às demandas do mercado internacional. O imperialismo europeu explorou e desestabilizou países africanos e asiáticos e o processo de acumulação de capital foi grande, tendo em países europeus nesse período, como a Itália, seu processo de industrialização e um maior impulso do comércio internacional. Conforme explica Mayara Fernandez (2016):

Da perspectiva do continente Europeu, o rápido crescimento populacional no processo que ficou conhecido como Transição Demográfica propiciou a formação de um excedente populacional que aliado às mudanças provocadas pela expansão do capitalismo e mudanças políticas em várias regiões da Europa, acabou por impulsionar a emigração de milhares de pessoas em busca de melhores condições de vida. Foi este o caso da Itália, que forneceu o maior contingente de imigrantes para a cafeicultura paulista (FERNANDEZ, 2016, p. 22).

O ciclo econômico do café, no Brasil, utilizou da mão de obra escravizada e da mão de obra imigrante, numa transição para o trabalho livre. Europeus foram os que imigraram para o Brasil e para outros países do continente americano em decorrência dos problemas enfrentados por esses em seus países, como: miséria, guerras e perseguições religiosas.

O Império Brasileiro, no final do século XIX, passou por pressões externas em relação ao tráfico de escravizados que realizava, visto que o país continuava o tráfico mesmo tendo tratados internacionais¹⁴ que haviam já determinado seu fim. Foi somente em 1850, por meio da lei Eusébio de Queirós, que ocorreu a proibição do tráfico de pessoas escravizadas em terras brasileiras.

A Lei do Ventre Livre (1871), que garantia que as crianças nascidas de mães escravizadas seriam livres, a Lei do Sexagenário (1885), que previa que idosos a partir de 60 anos seriam livres, e até mesmo a Lei Áurea (1888), que aboliu a escravidão no Brasil, foram respostas às pressões e revoltas de escravizados, e da pressão exercida por ex-escravizados e abolicionistas como Luiz Gama (1830-1882), entre outros, que forçaram o Império Brasileiro, em 1888, legalmente, abolir a escravidão no país. É importante lembrar que após a assinatura da lei, as

¹⁴ A Inglaterra havia proibido o tráfico de escravos desde 1807.

peças que foram escravizadas não tiveram acesso à cidadania ativa no país por décadas a fio. Ou seja: no aspecto econômico, social e cultural, a população afro-brasileira que por séculos foi escravizada permaneceu excluída da participação na sociedade, no reconhecimento de sua dignidade e garantia de direitos.

As consequências dos 388 anos de escravidão, que resultou no racismo estrutural brasileiro¹⁵, ficam evidentes em dados e estatísticas que apontam a desigualdade racial e social¹⁶ no país e na região de Campinas. Nesse processo de transição (até anterior à abolição), o incentivo do governo à mão de obra imigrante se deu como uma substituição ao trabalho escravizado e correspondia aos interesses dos grandes latifundiários de ter uma força de trabalho mais barata: o que tampouco garantiu boas condições de trabalho e vida aos imigrantes que aqui chegaram.

Segundo Paulo Gonçalves (2017)

[...] os fazendeiros viam seus interesses econômicos abalados, pois pretendiam criar um tipo de trabalho que pudesse substituir vantajosamente a mão de obra escrava na cultura do café. Além disso, recaíam sobre o imigrante pesadas dívidas desde sua chegada à fazenda: viagem marítima, o transporte até o local de trabalho, os primeiros mantimentos necessários a sua subsistência, até que produzissem para seu sustento, as ferramentas de trabalho. Tudo era financiado pelo fazendeiro que também lhes adiantava mensalmente uma pequena verba. Como resultado, as dívidas acumulavam-se e se passavam anos até que o colono conseguisse saldá-las (GONÇALVES, 2017, p. 327)

O trabalhador imigrante se tornava propriedade temporária do fazendeiro até conseguir quitar a dívida. Com o tempo, foi criado um sistema de trabalho, o colonato:

[...] o colonato caracterizado pelo trabalho familiar e pela combinação de três elementos: pagamento fixo pelo trato do cafezal, pagamento proporcional pela quantidade de café colhido, produção direta de alimentos para subsistência com excedentes comercializáveis pelo próprio trabalhador (GONÇALVES, 2017, p. 328).

¹⁵ Vide: Silvio Almeida (2019); Lélia Gonzalez; Abdias Nascimento.

¹⁶ Vide: "Notas técnicas: Vidas perdidas e racismo no Brasil". Disponível em:

https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=782. Acesso em: 02/02/2023.

Inicialmente, a vinda de imigrantes a São Paulo era realizada pelos fazendeiros ou agências, de modo que apenas depois, em um período posterior, o Estado se tornou o organizador do recrutamento e financiamento para a vinda de imigrantes ao interior de São Paulo, para trabalhar nas lavouras de café, subsidiando, principalmente, suas passagens. Durante o colonato, era incentivada a imigração de famílias e homens solteiros ao país. A característica do trabalho sob o regime do colonato só mudaria mediante a nova onda imigratória europeia, ocorrida no período posterior à Segunda Guerra Mundial, quando imigrantes vieram para o país para trabalhar nas indústrias e no espaço urbano (ARQUIVO PÚBLICO DE SÃO PAULO, 2022).

No Estado de São Paulo, a política imigratória, que entre os anos de 1886-1895 foi orientada por grandes latifundiários que formaram a Sociedade Promotora de Imigração, recrutava e organizava a vinda de imigrantes, sobretudo italianos, para as lavouras de café no interior do Estado. Entre 1878 a 1920, dos imigrantes que estavam no Estado de São Paulo, 70% eram italianos. Como a imigração italiana começou antes mesmo do final da escravidão, muitos italianos trabalharam nas fazendas, conviveram, com pessoas escravizadas. Imigrantes italianos também tinham que lidar com a rígida disciplina e controle de suas sociabilidades pelos fazendeiros. Como forma de resistir a tantas imposições e controles, muitos italianos foram para as regiões urbanas, buscaram voltar para a Itália e até mesmo foram para outros países como a Argentina. Em 1902, o governo italiano, através do Decreto Prinetti, impediu a emigração de italianos ao Brasil devido às péssimas condições de vida e trabalho nas fazendas paulistas.

Com o passar dos anos, e com o avanço de ocupação e exploração no oeste paulista, imigrantes italianos passaram a adquirir pequenas propriedades e a se inserirem no comércio e em alguns ofícios de serviços.

É importante evidenciar, em relação à imigração italiana, que a maioria dos imigrantes que vieram para o Brasil eram pobres, viviam em

regiões campestres da Itália. Os fazendeiros paulistas, a princípio, foram buscá-los e recorreram a contatos diplomáticos para tal feito. Tal dado fica por vezes apagado na história da imigração italiana no interior paulista, que foi romantizada pelo discurso oficial do governo, colocando como um mito fundante (e do progresso do Estado) a imigração europeia. Há, ainda, outro elemento no processo de integração de imigrantes ao Brasil, que se reflete na produção de hierarquias sociais: trata-se da diferenciação racial que os trabalhadores italianos constituíram em relação aos afro-brasileiros, escravizados, numa forma de se integrarem mais facilmente à sociedade brasileira e serem mais aceitos.

Truzzi (2022) relata que os italianos assimilaram preconceito racial contra a população negra, de modo que a construção da identidade italiana, no contexto migratório do Brasil, será marcada por uma diferenciação racial. Como destacado pelo autor, os italianos se perceberam brancos apenas quando chegaram ao Brasil (TRUZZI, 2022).

A referida diferenciação racial, por sua vez, está fortemente ligada a outro motivo para o incentivo à imigração de europeus: à política eugenista de branqueamento da população brasileira. Influenciados pela teoria eugenista¹⁷, pessoas importantes da sociedade como intelectuais, médicos e políticos nacionais viam a questão das raças um fator definidor para o crescimento econômico e social brasileiro e, por isso, buscaram adotar políticas que garantiriam branquear a população brasileira.

A influência eugenista em leis e principalmente na política migratória criou cotas para a entrada de estrangeiros que não se enquadrassem na concepção de raça branca, passando os japoneses, africanos, asiáticos e árabes a serem os imigrantes indesejáveis para o Estado brasileiro.

O decreto 406 de 4 de maio de 1938, em seu artigo 2º, previa o direito do Estado brasileiro aceitar ou não determinadas raças, conforme se lê: “O Governo Federal reserva-se o direito de limitar ou suspender, por motivos econômicos ou sociais, a entrada de indivíduos de determinadas

¹⁷ Teoria que defendia que a humanidade era dividida por raças, sendo a branca europeia, a superior, sendo necessário, para o desenvolvimento do Brasil, branquear a população.

raças ou origens, ouvido o Conselho de Imigração e Colonização”, e taxa em seu artigo 14:

O número de estrangeiros de uma nacionalidade admitidos no país em caráter permanente, não excederá o limite anual de 2 por cento (2%) do número de estrangeiros da mesma nacionalidade entrados no Brasil nesse caráter no período de 1 de janeiro de 1884 a 31 de dezembro de 1933”, escapava do limite permitido às pessoas de nacionalidade portuguesa, considerada desejável pelo governo Vargas (BRASIL, 1934).

Geralda Seyferth (2002, p. 120) nota que a política imigratória brasileira produziu “hierarquias de branco” em que devido às habilidades agricultoras, italianos e alemães estavam no topo da hierarquia dos desejáveis do Estado brasileiro.

Nota-se também que o surgimento da República brasileira inicia-se com um mito: o da democracia racial e uma identidade que está ligada à imigração europeia. Ficou patente a ideia de um país civilizado pelo branqueamento, que manteve os latifundiários no poder e que, ao contrário do que se buscava, manteve o desenvolvimento social atrasado, e no passado, apesar da tentativa de apagar o impacto da colonização e da escravidão como estruturas de produção e reprodução de desigualdades.

1.2 A imigração na região de Campinas

Retomando o argumento do imigrante ser uma força produtiva presente em momentos de novas dinâmicas do capitalismo, é possível analisar os números quantitativos de imigrantes no Estado de São Paulo. A **Tabela 1**, produzida por Baeninger e Bassanezi (2006, p.02), dá uma dimensão da grande proporção de imigrantes que vieram para o Estado de São Paulo no período compreendido entre 1890 e 2000:

Tabela 1- População total e estrangeira no estado de São Paulo 1890-2000

Ano	População Total	População Estrangeira	Proporção estrangeira (%)
1890	1.348.753	75.030	5,4
1900	2.279.608	478.417	21,0
1920	4.592.188	829.851	18,1
1934	6.433.327	932.691	14,5
1940	7.180.316	814.102	11,3
1950	9.134.423	693.321	7,6
1970	17.771.948	703.526	4,0
1980	25.042.074	523.444	2,1
1991	31.588.825	414.263	1,3
2000	37.035.456	343.944	0,9

Fonte: BAENINGER; BASSANEZI, 2006.

Baeninger e Bassanezi (2006), ao fazerem um levantamento demográfico no Estado de São Paulo, mostram que: entre 1887 e 1900 entraram no Estado cerca de 910 mil imigrantes. Destaca-se o maior número de população imigrante que foi em 1900, quando a população

estrangeira no estado paulista era de 478.417; em 1950, a população imigrante era de 693.321 e em 1970, 703.526 e nos anos 2000, 343.944.

Há uma menor entrada de imigrantes europeus durante o período da Primeira Guerra Mundial e o aumento da entrada de imigrantes volta a acontecer em 1950, após a Segunda Guerra Mundial, e no período de industrialização brasileira.

Na década de 1970, com a crise do petróleo e a consolidação do neoliberalismo no país, nota-se um outro aumento de entrada de imigrantes e a partir desses fatos, um outro grande fluxo e participação ocorre nos anos 2000. Nos anos finais dessa década aconteceu uma crise capitalista, a crise imobiliária nos EUA, que afetou os países do norte global e novamente trouxe muitos imigrantes ao Estado de São Paulo. É um movimento do norte e sul global, sendo a imigração do século XXI caracterizada pelos fluxos migratórios sul-sul, no caso dos refugiados. Os estados do norte global passam a adotar políticas migratórias cada vez mais restritivas e vivem um paradoxo, de precisar de mão de obra devido à baixa natalidade de sua população e os imigrantes serem a força produtiva e criativa, mas havendo sempre a restrição de circulação de pessoas entre as fronteiras nacionais.

Era grande a participação de imigrantes na população paulista. Em 1900, a população total do Estado era de 1.384.753, em 2000, totalizava 37.035.456. Além de imigrantes, o Estado de São Paulo recebeu muitos migrantes de outras regiões do Brasil, como o nordeste. Embora a capital, São Paulo, não tivesse a lavoura, por ser um centro financeiro, ela concentrou, ao longo do tempo, cerca de 30 a 37% da população estrangeira entre 1920 a 1940 (BAENINGER; BASSANEZI, 2006).

Como já mencionado, o ciclo econômico do café atuou fortemente no desenvolvimento, urbanização e industrialização do Estado de São Paulo e principalmente, na região de Campinas, por onde passavam as duas grandes ferrovias para escoamento do café, a Cia Mogiana de Estradas de Ferro e Cia Paulista de Estradas de Ferro. Entre 1886 a 1934, nota-se que o número de habitantes de Campinas triplicou. Também é

patente o aumento da população imigrante: estima-se que essa era de 20% de sua população total no período citado.

Dentre as nacionalidades migrantes que o Brasil e o Estado de São Paulo receberam estão: italianos, portugueses, espanhóis, japoneses e um contingente de outras nacionalidades, como os sírios e libaneses (CAMARGO, 2016, p. 24).

Em relação à migração síria, segundo o Censo de 1920, dos 19.290 sírios e libaneses que habitavam o Estado de São Paulo, 13.302 estavam no interior. Em Campinas, no mesmo ano, havia 327 sírios e libaneses na cidade (TRUZZI, 2022, p.327).

Um traço da migração síria destacado por Truzzi revela que ela não foi subsidiada pelo governo brasileiro, como foi o caso da imigração italiana, sendo muito importante para os sírios as redes migratórias formadas por parentes e conterrâneos (TRUZZI, 2022, p.326).

Eram essas redes que davam apoio e segurança para que essas pessoas pudessem vir ao Brasil: era por meio dessas redes que ficavam sabendo, por exemplo, os melhores lugares para viver. Este é o caso vivido pelos interlocutores desta pesquisa, como Ema, que veio em 1945, e também de seu cunhado, irmão e sobrinhos, que vieram por seu intermédio em 2011.

Na cidade de Itapira, nota-se um apagamento histórico em relação à escravidão e uma valorização da participação da imigração, sobretudo italiana, na composição populacional e cultural.

Assim como no Estado de São Paulo, e em todo o país, a imigração é um constitutivo social, econômico e político importante para a História da cidade. Porém, não raro, dentro da História Oficial, apaga-se o instrumentalismo e exploração da força de trabalho dos imigrantes, bem como o fortalecimento das elites oligárquicas e sociabilidades viciadas que atuaram no processo de diferenciação, e negação de dignidade humana, às pessoas que foram escravizadas e seus descendentes

1.3 Imigração árabe

A motivação para a vinda de sírios ao Brasil, mesmo sendo em épocas históricas diferentes, contém semelhanças. O fato incessante de buscarem um lugar seguro diante de guerras e perseguições e uma forma de obtenção de oportunidades. A produção de categorias e conhecimento sobre o imigrante, do ponto de vista do Estado Nacional, diferenciam o imigrante do refugiado sírio, tendo chegado o imigrante no Brasil no início do século XX, e o refugiado sírio no século XXI, em contextos históricos diferentes.

Sônia Hamid (2012), ao analisar a imigração palestina, reconhece também essa diferenciação categorial que marca os fluxos migratórios de palestinos no Brasil entre a primeira metade do século XX e início do século XXI. Segundo a autora, muitos palestinos fugiram para o Brasil em 1948, e por ainda não existir as normativas do Direito Internacional do Refugiado, essas pessoas eram acolhidas como imigrantes e lhes eram concedidos um visto de permanência.

No final do século XIX, a Síria integrava o Império Otomano. Dado o início da derrocada deste império, muitos sírios começaram a emigrar devido à falta de oportunidades, ou pela perseguição religiosa infligida contra os cristãos daquela região que compreendia os atuais países Síria e Líbano.

Começa-se, então, principalmente a partir de 1880, um forte fluxo migratório para a América, que para eles contemplava ser todo o continente americano. Os sírios e libaneses cristãos preferiram vir para a América, já os sírios e libaneses muçulmanos preferiram migrar para o norte da África (KHOURI, 2013). Segundo Truzzi (2007), os países americanos que mais receberam sírios e libaneses, a partir do final do século XIX, foram os Estados Unidos, Brasil e Argentina.

No Brasil, data-se a década de 1870 como o início da vinda de imigrantes sírios e libaneses para o país (KHOURI, 2013). O Estado de São Paulo foi um dos territórios que mais acolheu imigrantes árabes. Não só na capital, mas também em seu interior. Segundo Truzzi (2019), de acordo com o censo realizado em 1920, dos 19.290 sírios e libaneses que

habitavam o Estado, 13.302 (portanto quase 70%) estavam instalados no interior.

É válido ressaltar que alguns pesquisadores defendem que a influência árabe chegou ao país já durante a colonização portuguesa, visto que a Península Ibérica, por oito séculos, foi comandada por árabes que influenciaram sobre a linguagem, arquitetura, culinária e agricultura portuguesas, e que depois viriam a influenciar a formação da cultura brasileira. Como afirma Truzzi (2019):

(...) a presença da cultura árabe em toda a América do Sul antecede, porém, em vários aspectos, a imigração inaugurada ao final do século XIX. Ela já se insinuara através de vínculos religiosos, com a presença desde o século XVIII dos africanos muçulmanos malês na Bahia escrava, tão decisiva na organização do levante de 1835 (VARGENS; LOPES, 1982; REIS, 2003).

Antes disso, no entanto, ela esteve presente desde o início da colonização portuguesa, manifesta na língua, na música, na culinária, na arquitetura e decoração, nas técnicas agrícolas e de irrigação, na farmacologia e na medicina. É que os árabes dominaram por quase oito séculos a Península Ibérica, assinalando uma presença inolvidável em nossos colonizadores (TRUZZI, 2007, p.360).

Os imigrantes sírios chegavam, na maioria das vezes, nos portos do Rio de Janeiro e Santos. Mas, há relatos de imigrantes sírios que chegaram no Estado do Amazonas e que disseram que nesta região já havia muitos imigrantes sírios e libaneses (TRUZZI, 2007). Na primeira geração de imigrantes, havia sobretudo jovens e homens adultos que vinham com o objetivo de ganhar dinheiro e voltar para a Síria.

Contudo, o que era para ser temporário acabou se tornando permanente: e assim, a família passa a vir para o Brasil, o irmão trouxe outro irmão, pais, primos, esposas, filhos, amigos, famílias inteiras passaram a migrar para o Brasil (TRUZZI, 2007), fato que coincide com a história de Ema.

Ema¹⁸, uma das interlocutoras da presente pesquisa, chegou ao Brasil em 1948, com o marido, para ajudar o irmão em seus negócios na cidade de Itapira. Ela tinha, à época, 18 anos de idade e não pensava que estava vindo em definitivo para o Brasil quando chegou. A viagem programada, pensava ela, seria apenas uma visita ao cunhado. De suas memórias, Ema lembra:

“Viajei 21 dias no mar até chegar em Santos, após aportar na referida cidade, passei por São Paulo, Campinas, adorei essas cidades, Campinas lembra muito minha cidade natal, Homs. Mas quando cheguei em Itapira, não gostei da cidade, por muitas vezes insisti ao meu esposo que não queria ficar, que gostaria de voltar para a Síria, mas no fim acabei ficando mesmo descontente” (Dados de campo, 2019).

A partir de informações de que muitos sírios conseguiram ganhar dinheiro e lograram alguma mobilidade social em curto tempo, mais sírios e libaneses chegavam ao país ajudados por outros que aqui já estavam estabelecidos, formando uma rede de solidariedade que resultou na criação de clubes sírio- libaneses e na formação de bairros sírio-libaneses como aconteceu na cidade de São Paulo na Vila Mariana, Vila Paraíso, Ipiranga e Brás. Para Juliana Khouri:

Os bairros também foram para os imigrantes uma forma de reconstrução de sua comunidade de origem, uma vez que representavam um ambiente familiar, onde a língua, os conterrâneos e a alimentação passavam uma sensação de segurança e unidade(KHOURI,2013,p.13).

¹⁸ A trajetória de Ema foi apresentada na Introdução desta dissertação. Ela é a principal rede de apoio migratório para os demais interlocutores da pesquisa que chegaram ao interior de São Paulo por intermédio dela.

Os casamentos nesse período se davam entre os membros da comunidade sírio-libanesa visto que tinham formação, religião e costumes semelhantes e preferiam assim casarem-se entre si, o que ajudava na configuração de um bairro com grande concentração de sírios e libaneses.

O apoio de sírios e libaneses já estabelecidos no país ajudou os imigrantes que chegavam no Brasil. Segundo Pucci (2021), os sírios já estabelecidos ajudavam seus conterrâneos a iniciarem suas carreiras como mascates e concediam-lhes crédito.

Os imigrantes sírios e libaneses não gostavam de serem chamados de turcos pelos brasileiros, visto que eram os turcos os responsáveis pelos seus deslocamentos da aldeia de origem. Como era a Turquia que expedia a liberação da viagem, conferindo-lhes um documento, muitos brasileiros denominavam-nos de turcos (SIQUEIRA, 2006).

Das permanências das experiências migrantes de Ema e seus familiares na cidade, permanece a desse estereótipo social de serem chamados de turcos: ela mesma é conhecida pelos moradores da cidade não pelo seu nome, mas pelo apelido “Turca”.

Segundo Truzzi (2009), o sucesso de imigrantes sírios e libaneses no comércio fez com que outros grupos estabelecidos no comércio, no Brasil, tentassem prejudicar a imagem desses imigrantes atribuindo termos e boatos como se sírios e libaneses fossem imorais, não pagassem impostos.

No século XX, e agora no século XXI, o adjetivo “turco” continua sendo empregado como um termo pejorativo e na cidade de Itapira alguns moradores associam a ideia de “árabes no comércio como desleais, que querem tirar vantagem”. Essa, aliás, foi a fala do pároco da matriz da paróquia católica da cidade, que percebeu um grande preconceito de seus paroquianos para com as famílias sírias.

Segundo o padre: “eu vi pessoas da paróquia tratando-os com desdém, precisei fazer diversas homilias a partir das leituras e do Evangelho sobre a importância de acolher bem o estrangeiro” (Entrevista concedida em 2020).

Karam (2009), ao pesquisar sobre etnicidade árabe no Brasil, percebeu que na primeira metade do século XX:

[...] as elites luso-brasileiras tratavam os chamados “turcos” de modo depreciativo, como comerciantes de natureza trambiqueira ou perspicaz que acumulavam imensas riquezas, mas não produziam nada para a nação”. Hoje, porém, a ideia corrente de uma astúcia comercial inata dos árabes é elogiada pelos exportadores brasileiros no mercado livre” (KARAM, 2009,p. 23).

A partir do relato do padre, percebe-se que, em Itapira, ainda prevalece a concepção da palavra “turca” como algo pejorativo, um marcador de diferença, como acontecia com as primeiras gerações que chegaram no país no século XX. Destoa, portanto, do contexto brasileiro em que a etnicidade árabe é mais aceita se comparada ao passado.

Estima-se que a comunidade síria, no Brasil, constitua 4 milhões de pessoas, o que faz os dois países terem uma boa relação e dispor de várias cooperações. Ao longo da migração histórica, sírios e seus descendentes, além do comércio, compunham a classe de profissionais liberais: muitos eram advogados, médicos e, no decorrer das décadas, muitos descendentes sírios ocuparam cargos políticos nos âmbitos municipal, estadual e federal.

Truzzi (2008), ao analisar a vinda de imigrantes libaneses muçulmanos a partir da década de 50 na região do ABC paulista, notou que existia uma relação do fluxo migratório libanês do início do século XX com o fato de que os libaneses muçulmanos passam a vir para o ABC paulista devido ao parentesco que possuíam com os que vieram para o Brasil em décadas anteriores. Baeninger (2017), ao analisar as residências dos refugiados sírios no Brasil, também afirma a possibilidade desta última imigração de refugiados sírios ser vinculada aos processos históricos da imigração síria. Segundo a autora:

Nas cidades do interior do Estado com presença histórica desta imigração, pode-se notar a expansão da imigração de refugiados sírios em um corredor em direção ao Vale do Paraíba, outro corredor em direção à região de Campinas até Piracicaba e, um terceiro

corredor, bem mais distante, emergindo na porção Nordeste e Noroeste do Estado (BAENINGER, 2017, p.94).

Esse circuito migratório internacional no interior paulista configurou, ao longo do tempo, uma rede de parentesco. O parentesco, na pesquisa, veio do fato de que, na minha imersão em campo as relações de parentesco mostraram-se fundamentais para que as pessoas que se deslocaram da Síria pudessem vir ao Brasil. Embora este seja o caso de outras pessoas, muitos não tinham parentes aqui e este não foi o motivo pelo qual escolheram o Brasil.

Como afirma Pucci (2021), as redes imigratórias históricas influenciaram em alguma escala na escolha do território dos sírios recém-chegados. A trajetória migrante de Ema se conectou para além do parentesco com a trajetória de seu irmão, cunhada e sobrinhos.

Diante do exposto neste capítulo, conclui-se que a política migratória brasileira teve como objetivo branquear a população brasileira e colocar, no imigrante, a figura de progresso: sendo os imigrantes europeus, especialmente, italianos, alemães, portugueses e espanhóis, as nacionalidades desejáveis primeiro pelo Império e depois pela República brasileira.

Devido ao ciclo econômico do café, o Estado de São Paulo, e dentro dele, a macrorregião de Campinas, se desenvolveu e se urbanizou entre o final do século XIX e primeira metade do século XX. Com isso, tornou-se um dos principais destinos dos imigrantes que chegaram através da imigração, ora subsidiada pelo governo estadual, ora por conta própria, por ser um lugar sinalizado como de muitas oportunidades.

Dentro do grande número de imigrantes que o interior paulista abrigou estão os sírios e libaneses, que devido aos grandes fluxos e presença marcam a migração síria histórica e constituíram uma importante rede de apoio para refugiados e deslocados do conflito sírio que chegaram no Estado e em seu interior a partir de 2011, quando a guerra na Síria teve início.

Capítulo 2: O conflito sírio e seus impactos na esfera individual e coletiva

A Antropologia Social traz uma contribuição significativa para o campo das Ciências Humanas ao analisar o impacto dos conflitos e guerras na esfera individual e coletiva das populações afetadas, pois evidencia o quanto um acontecimento de grande magnitude, muitas vezes disparados por questões internacionais, transpassa e desloca sujeitos para além de territórios, nas suas individualidades, subjetividades, identidades e emoções. Neste capítulo, apoiado teoricamente por Veena Das (2010; 2020), Meihy (2019) e Rojas (2021), traremos a história da Guerra da Síria e os impactos deste conflito na vida e trajetória das pessoas a partir das narrativas de Zara, Sara, Hamir e Kalil.

Veena Das (2020) é uma antropóloga com produção intelectual que auxilia na compreensão das tessituras da vida cotidiana permeada pelo sofrimento e pela violência em conflitos. Seus estudos foram desenvolvidos sobre dois momentos da História da Índia: no momento da Partição da Índia em 1947, e nas revoltas contra os sikhs, em Délhi, em 1984. Ela investiga em suas obras, a partir do cotidiano, como a violência gerada pelo Estado afeta a vida, a intimidade das pessoas e como essas significam e ressignificam suas experiências de dor e sofrimento (2020).

A Guerra da Síria teve início em 2011 e, até o presente momento da pesquisa (2023), não terminou, e segue forçando pessoas a se deslocarem há mais de 12 anos. O Relatório de Tendências Globais de 2021, publicado todo ano pelo ACNUR (Agência da ONU para os Refugiados), revelou que 6,8 milhões de pessoas refugiadas no mundo eram sírias. Segundo o Observatório Sírio para os Direitos Humanos (2021), o número de vítimas fatais do conflito sírio, desde seu início, chega à estimativa de meio milhão de pessoas.

2.1 Uma breve história da Síria para compreender a guerra civil

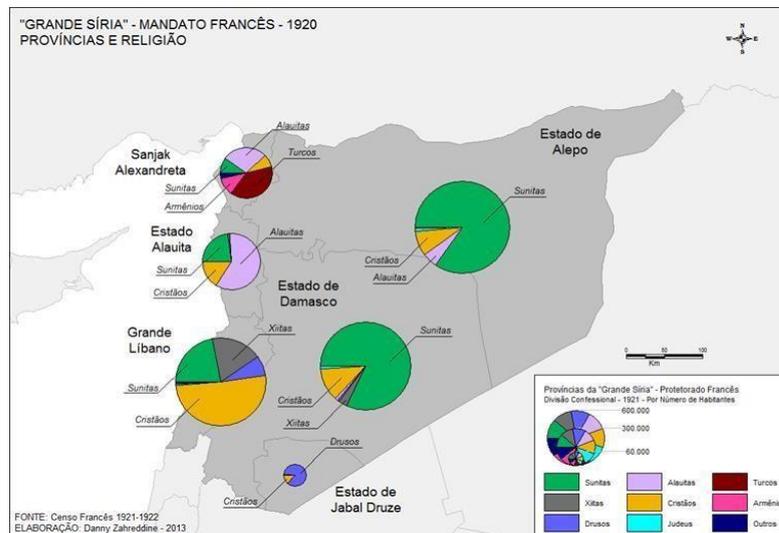
A República Árabe Síria “ [...] é um Estado secularista e tem em sua identidade síria a retórica árabe nacionalista” (MOHAMMED, 2016). Ela foi criada em 1946, após sua independência do domínio francês¹⁹. Até essa data, o Estado sírio e libanês tal qual conhecemos atualmente não existia. Importante durante vários momentos da História da humanidade, a Síria conta com uma ampla diversidade étnica e religiosa. O país é composto, em grande parte, por muçulmanos²⁰ sunitas, muçulmanos xiitas, como os alauítas, cristãos ortodoxos, armênios, drusos, assírios e curdos (BBC, 2023).

A região da Síria pertenceu ao Império Otomano, cujo fim ocorreu no ano de 1922. Após a Primeira Guerra Mundial, vencedores, França e Reino Unido, tomaram posse de alguns territórios do Oriente Médio, ficando a região do Líbano e Síria governada pelo mandato francês, cuja organização política da região dividiu o território em 6 províncias que tornaram-se 6 Estados, com representação religiosa e étnicas diferentes, conforme indicam os mapas apresentados a seguir:

¹⁹ A região da atual Síria pertenceu ao Império Otomano por séculos. Ao final da Primeira Guerra Mundial, França e Reino Unido irão partilhar o território do referido Império através do Acordo de Sykes-Picot, em 1916. O território correspondente à Síria ficou sob o domínio da França até 1946.

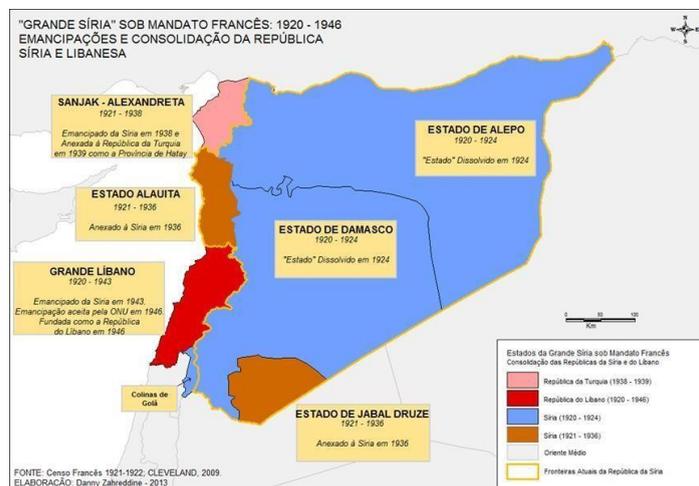
²⁰ O Islamismo é uma religião que “ surgiu no começo do século VII e rapidamente se difundiu entre as tribos árabes, unindo-as em torno da mesma fé” em Alá, que segunda a tradição e fé muçulmana revelava suas vontades e orientação ao povo através do profeta Maomé (MASTRANGELO, 2001). Os muçulmanos sunitas são a maioria no mundo islâmico,[...] o nome sunitas vem da expressão "Ahl al-Sunna": "o povo da tradição", ela se refere a práticas derivadas das ações do profeta Maomé e seus parentes”. Eles “veneram todos os profetas mencionados no Alcorão, mas particularmente Maomé, que é considerado o profeta supremo. Já os líderes muçulmanos subsequentes são vistos como figuras temporárias” (BBC, 2023). Já os xiitas [...] começaram como uma facção política: literalmente "Shiat Ali", ou partido de Ali. O Ali em questão era genro do profeta Maomé, e os xiitas reivindicam o direito dele e o de seus descendentes de liderar os muçulmanos” (BBC, 2023).

Mapa 1- As províncias formadas pelo mandato francês



Fonte: Censo Francês 1921- 1922. Elaborado por Danny Zahredine-2013

Mapa 2- Estados formados pelo Estado francês e suas emancipações



Elaboração: Danny Zahredine, 2013.

De acordo com Zahredine:

O Resultado do Censo Francês levou à criação de seis províncias na “Grande Síria”, onde o aspecto confessional seria central para a criação dos futuros “Estados”. Estado de Aleppo, o Estado de Damasco, o Estado de *JabalDruze*², o Estado Alauita³, a Província de Alexandreta (Hatay) e o “Grande Líbano”. Cada um destes Estados estaria sob o controle de uma elite confessional, tutelada pela

França. Este elemento confessional/étnico pode ser observado no desenho dos limites territoriais da Síria sob Mandato francês: duas províncias eram de maioria Sunita (Estado de Aleppo e Estado de Damasco), uma de maioria Drusa (Estado de *JabalDruze*), uma de maioria cristã (Grande Líbano⁴), um Estado de maioria Alauita (Estado Alauita) e uma província autônoma de maioria Turca (Sanjak – Alexandreta) (ZAHRADINE, p. 9 2013)

A França, de maneira estratégica, dividiu o território por etnia e religião e colocou as lideranças religiosas como suas correspondentes com o objetivo de manter seu poder colonial.

Após a independência, em 1946, aconteceram mudanças de governos até a chegada ao poder, através de um golpe, do presidente Hafez Al Assad, alauíta e do partido Baath²¹. Hafez governou a Síria entre os anos de 1971 e 2000. Durante seu governo, a Síria alcançou crescimento e estabilidade. Porém, segundo Mohammed (2016, p.13), ele logrou esse *status* devido às “suas manobras entre os diversos interesses sociais e etno-confessionais, utilizando meios diplomáticos, expurgos a inimigos políticos e força coercitiva a qualquer manifestação contra a sua personalidade ou governo”.

Quando morreu, em 2000, foi substituído pelo seu filho Bashar Al Assad, um oftalmologista, formado na Inglaterra, e que ainda jovem assumiu o lugar do pai prometendo modernizar a Síria e caminhar com o povo. Contudo, após três mandatos, Al Assad deixou de realizar reformas importantes e passou a reprimir toda e qualquer crítica ou protesto contra seu governo.

Foi no seu terceiro mandato que aconteceram os levantes populares, nos quais, assim como em outros países como o Egito, a Líbia e a Tunísia, grande parte da população reivindicou regimes democráticos, melhor qualidade de vida e liberdade de expressão. Esse movimento ficou conhecido como Primavera Árabe.

²¹ O partido Baath (Partido Socialista Árabe Baath) foi criado em 1940 a partir de um movimento nacionalista árabe secular que visava combater o colonialismo (MOHAMMED, 2016).

É difícil precisar o início dos protestos na Síria. Bon Meihy (2021, p. 36) comenta que a “grande manifestação do dia 15 de março, no coração da antiga cidade murada de Damasco, acabou se cristalizando como seu episódio inicial nas narrativas predominantes”. Em sua etnografia com refugiados do conflito sírio, Bon Meihy (2021), através de seus interlocutores, percebeu que os acontecimentos no Egito e na Líbia foram acompanhados de perto pela população síria: em vários ambientes que frequentavam, a conversa era sobre política e como os protestos que culminaram na queda de regimes antigos, tal como aconteceu no Egito e na Tunísia.

O evento que marcou o início da revolta popular na Síria começou em Damasco e Dera´a:

Gritos entoados no Cairo passaram a ser ouvidos nas ruas das primeiras cidades a se erguerem contra o regime baathista e, inclusive, foram replicados nos muros de Dera´a por 15 pré-adolescentes de famílias de renome e tradição na cidade – “Al-shaab iurid isqat al-nizam” (O povo quer a queda do regime), grafitaram os jovens. Como consequência do ato de coragem e rebeldia do pequeno grupo, eles foram presos no dia 6 de março de 2011. Sua soltura levaria duas semanas, período em que teriam sofrido tortura, e somente ocorreu em decorrência do furor a que a população foi provocada pela forma como as autoridades de segurança do governo regional de Dera´a – liderados pelo primo de Bashar al-Assad, Atef Najib (Bon MEIHY, p. 37, 2021).

Bashar Al Assad reprimiu violentamente todas as manifestações subsequentes:

confrontos entre manifestantes e forças regimentais evoluiu para uma guerra civil ao longo do segundo semestre de 2011, quando o crescente emprego de força armada acarretou a superação da marca das 1.000 mortes anuais em cada lado do espectro político (PHILIPS, 2015, p. 358 apud Bon MEIHY, p. 40, 2019).

Há, nesse processo da eclosão da guerra civil síria, um mecanismo sectário, conforme explica Bon Meihy (2021). Como a maioria dos grupos opositores eram sunitas, e sendo Assad alauíta, pertencente a uma minoria (os xiitas), assim como os cristãos (outra minoria), pode-se reconhecer que a sociedade acabou sendo dividida entre quem era a favor ou contra Bashar Al Assad.

Como a maioria sunita não era a base de apoio do regime, as minorias o apoiavam porque Assad mostrava uma imagem de protetor das minorias. Mesmo sendo aliado de lideranças religiosas sunitas, o conflito sírio ganhou uma retórica sectarista e de cunho religioso. Como afirma Meihy:

Em pouco tempo, difundiu-se a percepção de que se tratava de um conflito interconfessional, apesar da heterogeneidade de posturas adotadas por clérigos e lideranças civis sunitas e das vozes dissidentes entre as minorias, as quais, todavia, não foram suficientes para anular os desdobramentos da dinâmica intersectária na Síria (MEIHY, 2019, p. 56)

O autointitulado Estado Islâmico foi um dos mais conhecidos grupos opositores ao governo Assad, também em decorrência da cobertura jornalística do conflito, que mostrava as produções de vídeos feita pelo grupo terrorista. Deve-se reconhecer, contudo, que havia outros 32 grupos que lutavam pela queda de Bashar Al Assad.

Em sua pesquisa, Meihy (2019) identificou que os relatos sobre a guerra dependem da profissão confessional dos refugiados, visto que cristãos e sunitas apresentaram uma motivação diferente para o início dos conflitos. A seguir, serão apresentadas, a partir dos relatos de refugiados sírios muçulmanos e sírios cristãos, suas percepções sobre o conflito.

2.2 As interpretações do conflito por interlocutores refugiados no Brasil

Renan Bon Meihy (2019), em sua dissertação de mestrado, ao falar sobre o conflito sírio, coloca em evidência as questões da memória, narrativas e religião das pessoas atingidas pela guerra. É possível correlacionar alguns dados do campo dele e da pesquisa que realizamos para esta dissertação em relação às visões diferentes que cristãos e

muçulmanos, deslocados forçados e que vieram para o Brasil, possuem sobre o conflito.

Zara, uma das interlocutoras da presente pesquisa, quando a entrevistei, falou que quando estudava na escola, a convivência entre cristãos e muçulmanos era muito respeitosa:

“na hora da aula de religião, muçulmanos e cristãos iam para salas diferentes para estudarem sobre suas respectivas religiões. Cristãos podiam ir às aulas sobre islamismo ao mesmo tempo que muçulmanos poderiam ir assistir as aulas dos cristãos” (Zara, 2016).

A jovem destacou que foi após o início do conflito que aconteceu essa divisão religiosa entre minorias religiosas e os muçulmanos sunitas, pois antes a convivência entre eles era harmônica.

Assim como Zara, seu tio, Kalil, outro interlocutor desta pesquisa e sobre quem falarei sobre sua trajetória e família no próximo capítulo, contou acerca das causas do conflito e como ele está relacionado à religião. Para falar de sua condição de refugiado do conflito, Kalil começa me explicando as causas da Guerra na Síria, no uso e criação de uma oposição entre xiitas e sunitas que inflamou o conflito. Segundo Kalil:

Agora, como todas as religiões, começou briga entre xiita e sunita, a briga tem motivo, é claro. Dois motivos essa briga: primeiro motivo importante: Rússia está dando gás para a Europa e Europa disse não, Europa é gelada, se não tiver o gás que vem da Rússia, eles morrem congelados, entendeu? Então, Rússia, como país de poder está mandando gás para a Europa inteira, para o dia a dia deles, comida, tal, tal. Descobriam Catar, segundo país do mundo com maior gás natural, então Europa com Estados Unidos querem puxar um cano de Catar, e entra em Arábia Saudita, Jordânia, Síria, Turquia para Europa para eles comprar gás de Catar e não precisar de Rússia, se cortar gás morrem congelados, tá certo? Outra coisa, Rússia país de poder, Catar não tem nenhum poder, entendeu? Então eles vão cobrar mais barato, Catar não tem coragem de cortar gás deles... Rússia como tem pacto com nosso governador, ela pediu para governador “não aceita a Europa, esse gás nunca vai dar certo, primeiro foi o gás”. Segundo motivo de guerra, descobriram que tem no

mar mediterrâneo, quinze poços de petróleo, faz parte da Síria, nossa governador, assinou contrato com Companhia russa para tirá-lo, já tem dois motivos gigantes para tirar presidente do poder sem saber quem é nosso presidente, nosso presidente é médico, olha, estudado, médico de vista e estudou em Inglaterra, foi formado lá, ele tem cabeça aberta, é jovem, antes de começar a guerra, ele fez coisa que nós nunca imagina, Síria ficou adiantada mais que muitos países árabes, entendeu? Ele é gente maravilhoso, tem que saber isso. Como falei para você Europa e EUA têm interesse econômico, (eles querem ser donos dali) Eles pensaram, como nós perdemos contra Síria? Nós devemos mandar esse presidente embora, chamar um nosso e colocar um para alcançar nosso objetivo. Futuramente, veja Rússia, China e nós contra Europa, EUA. E aí pensaram como a gente vai tirar esse presidente (Kalil, 2016).

Kalil, assim como suas sobrinhas, me contou que antes da Guerra a convivência entre muçulmanos e cristãos era amigável, e que na Síria não havia muitos problemas sociais. Percebi que ele claramente nunca escondia seu apoio ao governo Bashar Al Assad. E um dos argumentos que ele trouxe foi que Assad, assim como os cristãos, pertencia a uma minoria religiosa na Síria, visto ele ser xiita alauíta. Kalil evidencia:

Nós somos cristãos, entendeu a primeira coisa para saber como passamos lá é que a Síria tem 21 milhões de muçulmanos, todo tipo de muçulmano, xiita, sunita, alauíta, 21 milhão. Os 2 milhão faz parte de cristãos, católico, ortodoxo, evangélico, espírita. Então nós lá somos minoria, a briga lá sinceramente é entre islã xiita e sunita, entendeu. Então realmente a nós, não tem amor pela gente. Vou falar para você uma coisa, Síria é terra de cristãos e não de muçulmano. O islã Muçulmano começou na Arábia Saudita e cresceram lá, depois vieram. Subiram e tomaram Síria. Antigamente, Síria era Síria, Líbano, Iraque, Jordânia e Israel, era um país só, dividiram ela em cinco países. Agora quando entrou muçulmanos tomaram Síria, tomaram Síria em guerra. Tomaram o Egito, tomaram Líbia e chegaram até Marraquechi, entendeu. Sinceramente, esses países não eram árabes, Síria inicialmente era país de fenícios. Fenício era cristão e judeu, entendeu, uma raça só (...) agora o Estado Islâmico, rico paga multa e mora na mesma região deles, quem não tem dinheiro para pagar multa entendeu, ou vira muçulmano ou decapita ele, é isso. Mataram muita gente, muita gente entrou na região e fica com medo, eles podem matar. Se tirar Assad, fica Estado Islâmico, e Síria vai ficar atrasada 500 anos, porque Estado Islâmico, a ideologia deles, pensamento deles é atrasado, quer mundo de 1500 anos atrás, não usa internet, não usa televisão, não usa todo tipo de tecnologia para eles, então como vai, Síria voltar há 500 anos atrás(KALIL, 2016)

Na fala de Kalil é notório o uso de marcadores de diferença, na reivindicação de que a Síria é uma país cristão, e que muçulmanos sunitas não têm pena dos cristãos. Depois de anos conversando com Kalil, percebi que tal ressentimento está ligado ao fato de ele e sua família precisarem sair de Homs, pela guerra e também por serem cristãos, já que a região ficou tomada pelo autointitulado Estado Islâmico. A casa de seu pai chegou a ser invadida e explodida por eles.

Os interlocutores sírios cristãos da pesquisa de Renan Bon Meihy (2019) também possuem essa impressão de que o sectarismo religioso foi produzido após o início do conflito sírio. Segundo Meihy (2019):

Peças jornalísticas que imputam ao presidente ou a seu regime a culpa pelo acirramento das hostilidades chocam-se com os protestos de muitos cristãos que reivindicam autoridade moral para contestar os fatos com base na cidadania síria ou na relação pessoal com o país através de familiares e amigos. Segundo o senhor Abdulmasih El-Homsi, brasileiro descendente de sírios, diretor da Igreja Ortodoxa Antioquia São Nicolau, no Rio de Janeiro: Em relação ao governo, a gente apoia totalmente o presidente. Essa história que chega aqui, por exemplo a Globo, que chama ele de ditador, de sanguinário, pra gente não. Pelo menos na nossa parte, ele sempre respeitou os cristãos muito. Viajei pra lá; com a Síria em guerra, viajei duas vezes. Parte que eu visitei lá, nunca vi ninguém falando mal dele. Entendeu? Isso na verdade, rapaz, isso é uma guerra que foi financiada por forças externas. Colocação muito similar foi feita por Munir, professor cristão refugiado originário de um pequeno vilarejo próximo a Homs e Hama, que afirmou que o caos se estabeleceu quando os grupos opositores ao regime se radicalizaram e passaram a perseguir os cristãos e ismaelitas de sua cidade como se fossem todos defensores do presidente. Jamais tendo presenciado focos organizados de oposição política anteriormente ao conflito, ambos aceitam a interpretação de que se trataria da execução de uma agenda estrangeira, a qual possivelmente colocaria a sobrevivência de grupos minoritários em risco (MEIHY, 2019, p.33).

Em seu texto, Renan Bon Meihy (2019) comenta que, ao ouvir os relatos de interlocutores cristãos ortodoxos, ficou com a impressão de que não havia diferenças ou desavença entre cristãos e muçulmanos antes do

conflito. Essa percepção perdurou até o momento em que encontrou outro interlocutor que apresentou um posicionamento diferente sobre a convivência pacífica e harmoniosa entre cristãos e muçulmanos sunitas:

Vivia bem entre aspas. Acontece que lá é ditadura. E quando existe ditadura, você não tem como se expressar. Qual é a satisfação do ego? É ser livre em todas as coisas na vida que você quer adquirir. Inclusive, a expressão da sua palavra. A minha palavra é minha opinião. Então lá você pode comer, beber, dormir, porém você quieto. Você não fala nada do ditador. O que ele faz, isso aqui será feito. Isso aqui não se chama democracia, entendeu (MEIHY, 2019. p.34).

O relato proferido pelo interlocutor de Meihy (2019) permite-nos presumir que o governo Bashar Al Assad não conseguiu ser bom para a maioria sunita. E essa diferença de perspectivas e condições, de refugiados sírios e cristãos, também está relacionada aos processos de integração e convivência no Brasil. Rojas (2021), em sua etnografia com um casal sírio que se refugiou em São Paulo e depois em Florianópolis (SC), revela que para o jovem casal (ela alauíta e ele sunita) o medo da perseguição política continuava aqui no Brasil. O jovem se refugiou no Brasil para não ter que compor o quadro do exército de Bashar Al Assad. Segundo a jovem, o contato com outros sírios que vivem no Brasil é difícil porque eles sentem que podem ser monitorados por outros sírios que vivem no Brasil: sua mãe pede para não falar em suas redes sociais contra o governo sírio, para não chamar a atenção (ROJAS, 2021, p. 34).

Os campos da pesquisa de Renan Meihy (2019), Rojas (2021) e também o meu evidenciam que o sectarismo étnico-religioso que ficou evidente e reverberado no conflito acompanha as trajetórias e a vida dos refugiados do conflito mesmo após eles terem saído da Síria e viverem já há anos no Brasil.

2.3 Memórias da violência e os impactos subjetivos e coletivos da Guerra

Com a exceção de Kalil, não ouvi outros interlocutores adultos da pesquisa falarem diretamente sobre a Guerra da Síria e nem do que vivenciaram sendo cristãos e morando numa das regiões mais ocupadas

outras minorias que viviam na região de Homs. Um adulto realiza a gestão da sua memória e deixa de dizer episódios como as violências que viu, sofreu ou presenciou num contexto de guerra. Seja porque é algo doloroso para dizer, o “passado que permanece mudo é muitas vezes menos o produto do esquecimento do que de um trabalho de gestão da memória segundo as possibilidades de comunicação” (POLLAK, 1989, p.11) ou porque não estabeleceu uma relação de confiança com quem o entrevista. É preciso ter uma escuta (POLLAK, 1989) e estabelecer relações de confiança ou, no caso dos refugiados sírios, existe o receio com perseguições do regime Assad: este, contudo, não era o caso dos meus interlocutores que apoiavam o governo de Bashar Al Assad. Para os cristãos, além da guerra, havia um receio de que a perseguição religiosa sofrida na Síria pudesse se desdobrar no país de acolhida, ao passo que refugiados muçulmanos temem a perseguição política, por parte do governo Assad, contra seus familiares que ficaram na Síria.

Michael Pollak (1989), em seu texto “Memória, esquecimento e silêncio” ,reflete sobre a importância da História Oral que privilegia a análise dos excluídos, das minorias, frente à memória oficial que modula, uniformiza e controla a memória coletiva, escondendo os jogos de poder, exclusões e privilégios. Em seus estudos com vítimas do regime nazista que passaram pelo campo de concentração e pelo exílio, Pollak (1989) entende que o silêncio de muitas vítimas de conflitos, o fato de não falarem, como algo significativo. Para o autor: “nas lembranças traumatizantes, o silêncio parece impor a todos aqueles que querem evitar culpar as vítimas” (POLLAK, 1989, p.02).

Quem falou mais de suas memórias da violência da guerra foi Zara e sua irmã, Sara, que eram jovens quando as entrevistei. O pai de Zara ficou na Síria devido à ocupação do autointitulado Estado islâmico (EI) em Homs, e isso era motivo de muita tristeza e preocupação para ela e sua família. Elas me contaram que jihadistas²² entraram na casa do avô delas,

²² “O “jihad”, conceito que corresponde a “esforço” ou “luta” para o islã, tem dois significados principais. O “jihad maior” é o empenho e a luta que todo indivíduo trava consigo mesmo, na busca por aperfeiçoar seus esforços para a crença religiosa; e o “jihad

chegaram a bater nele e a explodir sua casa. Depois disso, por intermédio de Ema, vieram ao interior paulista. Quando conversei com elas, havia entendido que o pai havia ficado trabalhando e que foi impossibilitado de sair de lá devido às dívidas que o EI imprimia aos cristãos que moravam na região onde moravam. Depois, ouvi de uma outra familiar a história de que ele ficou na Síria porque quis. Depois que Bashar Al Assad retomou o controle de Homs, o EI foi extinto da região, o que o tornaria livre dessa dívida. No decorrer da pesquisa, nenhum interlocutor comentou sobre o porquê de ele não ter vindo morar com a família. Essa foi, para a família das adolescentes, uma das mudanças impostas pelo deslocamento: a (re)configuração da família sem o pai.

Uma outra memória que Sara me contou traz o relato da atuação violenta do EI:

Nas ruas se via cabeça de pessoas dentro de sacos plásticos. Teve um dia que eu estava indo para a casa da minha avó quando vi eles (EI) pegarem uma mulher grávida, eu me escondi e depois que passei no lugar, a mulher estava pendurada numa janela e morta, com a barriga cortada. Eles também raptaram o marido de uma amiga da família, como a família não tinha dinheiro para dar a eles, eles picaram o homem e entregaram numa bandeja à esposa dele. Ela e a filha vieram ao Brasil com a ajuda da nossa família²³ (SARA, 2016).

Com pesar, Sara me contou toda a violência que presenciou. Eu não havia pedido para elas trazerem esse relato, mas percebi que ela falou de algo que a impactou e, de certa forma, ao me contar, queria denunciar, queria que eu e as pessoas leitoras desta pesquisa soubessem sobre o que aconteceu. Uma das falas de Zara foi em relação à televisão brasileira. Segundo seu relato, o que as emissoras de televisão transmitem sobre o conflito não corresponde ao que estava realmente acontecendo na Síria.

menor” é a defesa armada contra ataques diretos. A adição do sufixo “-ismo” (“jihadismo”, ou o adjetivo correspondente, “jihadista”) normalmente ressalta a adoção de ideologia que promove a utilização de violência baseada em uma interpretação extremista da religião islâmica e é voltada tanto contra grupos não islâmicos quanto contra grupos de outras correntes islâmicas, como é o caso do EI” (BASSI; LEAO, 2023, p. 25).

²³ Essa amiga da família com sua filha, que ela menciona, chegou a morar com a família de Zara em Itapira anos atrás, e teve no Brasil uma moradia transitória tendo ido morar com a irmã nos Estados Unidos.

Na escola, ela comentou que precisou intervir para que a verdade dela, enquanto vítima do conflito, fosse falada: percebi que ela me relatava com a mesma intenção, de validar a dor e as violências que sofreu. Diferente de seus avós e tios, pelo pai estar ainda na Síria com seus avós paternos, o refúgio no Brasil não as permitia se desconectarem do conflito.

2.4. O ressentimento e a experiência migrante

A condição de deslocados de guerra traz, por vezes, um sentimento muito difícil de ser identificado: o ressentimento. Konstan (2004) buscou localizar na História quando esse sentimento foi identificado e reconhecido, e chegou à conclusão de que na Antiguidade havia uma concepção diferente deste sentimento em relação à modernidade. Nos dados do historiador da filosofia, Diógenes Laércio, do século II d. C, há a primeira menção ao sentimento;

A dor é uma contração irracional: suas formas são pena, rancor, inveja, ressentimento, pesar, sofrimento, mágoa, angústia, confusão [...] o ressentimento é a dor por alguém possuir aquilo que também se possui (KONSTAN, 2004, p. 60).

Nessa definição o ressentimento se relaciona com a palavra inveja, da palavra grega *zêlotupia*. Já no sentido social e moderno, na esteira de pensadores ingleses, Konstan (2004) encontrou conceitos diferentes e que podem ser correspondentes aos sentimentos vivenciados por imigrantes e refugiados:

Roger Petersen define ressentimento como “a emoção de que o grupo ao qual se pertence está em uma posição injustamente subordinada em uma hierarquia de status [...] seria uma resposta a injúria ou ofensa, mas também a discriminação ou preconceito (KONSTAN, 2004, p.62). Ressentimento é uma atitude mental duradoura, causada pela repressão sistemática de certas emoções e afetos que são componentes normais da natureza humana. A repressão dessas emoções leva a uma tendência constante de se permitir atribuir valores incorretos e juízos de valor correspondentes. As emoções e afetos 5 6 primordialmente referidos são

vingança, ódio, malícia, inveja, o impulso de diminuir e desprezar (SCHELER, 1915, p.29, *apud* KONSTAN, 2004, p.62).

Você está vivendo bem a sua vida e, de repente, inicia-se uma guerra que você não começou. A partir daí, sua vida não volta a ser a mesma, sua casa é bombardeada, você perde familiares, emprego, dinheiro, documentos. Para sobreviver, precisa sair desse lugar o mais rápido possível. Chegando ao novo país, as diferenças culturais e principalmente, o preconceito e exclusão estão dados em seu cotidiano. Impossível não ser transpassado por sentimentos como o ódio, a desesperança, medo, ansiedade, tristeza, injustiça e o ressentimento.

A primeira vez que conversei com Hamir, ele estava na loja de eletrodomésticos de seu filho. Já no início da conversa, ele demonstrou pensar estar numa posição de superioridade em relação a mim e a todos os brasileiros. Ele começou falando seu nome em árabe e como seria seu nome em português. Hamir formou-se em Engenharia Elétrica na Inglaterra e trabalhou boa parte da vida como gerente de uma fábrica de açúcar na Síria. Disse que falava inglês, árabe, francês, espanhol e português. Perguntei se ele gostaria de conversar em inglês e ele disse que falava bem português e logo enunciou: “brasileiros não têm cultura, falam errado”, e pediu meu caderno para dar exemplos e começou a escrever e a explicar pronúncias de palavras que brasileiros falam errado, como “calça” segundo ele “os brasileiros não falam a letra “l” corretamente das palavras”.

No primeiro momento, esse ar de superioridade de Hamir me fez lembrar da pesquisa da Sonia Hamid (2007) com refugiadas palestinas que se colocavam nesse lugar de superioridade em relação a outros deslocados palestinos e de brasileiros, numa forma de reafirmar suas identidades.

Mas, ao longo da conversa com Hamir, e retomando minhas anotações do caderno de campo, percebi que havia ali, também, ressentimento gerado pelas consequências da guerra em sua vida. Na escuta atenta a ele, em dois de seus desabafos, consegui identificar os

sentimentos que ele exprimia na conversa comigo.

Quando perguntei sobre sua vinda ao Brasil ele respondeu: “Eu paguei a passagem de avião de toda família para virmos ao Brasil, total de R\$45.000,00. Eu tinha dinheiro. Eu, na Síria, tinha casa boa, empresa, carros e hoje eu faço o que? Eu vivo de favores na casa da minha irmã” (Hamir, 2019).

Uma outra queixa feita por ele foi a exclusão social que sentia na cidade. “Aqui é uma cidade antissocial. Meu outro filho mora em Jacutinga, Minas Gerais, e toda semana vai na casa de amigos comer, como se faz na Síria. Aqui (Itapira) não, não querem conversar com a gente” (Hamir, 2019).

Ao mesmo tempo que Hamir revela ser superior a brasileiros e lamenta suas perdas e sua atual condição socioeconômica no Brasil, também desabafa sobre a exclusão e solidão que sente. A violência é expressa de diversas formas.

Carolina Parreira (2018), ao comentar a obra de Veena Das, apresenta uma chave de análise sobre o quanto a violência pode ser um constituidor e reconstituidor da vida. Nas narrativas de Zara, Sara, Hamir e Kalil percebemos o quanto a violência gerada pela guerra e a condição de deslocados do conflito marcaram suas trajetórias e as diferentes formas que cada um elaborou o luto e as respostas às violências que sofreram e que os forçaram a sair, bem como aos desafios da vida no novo país, experiência que possibilitou outro tipo de violência: a discriminação e a exclusão social.

²⁴ No anexo da dissertação há um relato baseado na trajetória migrante de Mariam.

Capítulo 3: A trajetória da família de Kalil e Mariam

Neste capítulo, apresentamos a trajetória migrante do casal Kalil e Mariam²⁴ a partir de informações por eles compartilhadas nos campos realizados em 2019 e 2021. Suas falas trouxeram muitas formas de pensar e compreender a vida de refugiados sírios numa cidade do interior do país e do Estado de São Paulo, mas também questões passíveis de serem transformadas em objeto de atenção etnográfica, como: a solidão, as dificuldades da adaptação em uma nova cidade, as articulações e estratégias de sociabilidade em uma cultura e sociedade diferentes, e que muitas vezes se mostrou indiferente a eles.

Além disso, neste capítulo também é destacada a importância da etnografia para compreender de forma nuançada e fluida o ser refugiado, com suas diferentes possibilidades, o que escapa do controle e limitações conceituais e institucionais que trazem as categorizações.

Kalil e Mariam também foram os interlocutores com quem mais criei proximidade durante o campo, fazendo com que fosse estabelecida uma relação de amizade, principalmente com Mariam. Conhecemo-nos no campo realizado em julho de 2019 e, no decorrer das visitas e aniversários, Mariam sempre demonstrou o quanto me considerava uma amiga: sua e de sua família.

Antes de 2019, havia conversado com Kalil no pré-campo da pesquisa, ainda no ano de 2016, por indicação de sua irmã, Hana. Segundo ela, o irmão falava muito bem o português e sabia de muitas coisas. Kalil e sua esposa, Mariam, chegaram a Itapira no dia 06 de junho de 2011, grávidos de seu primeiro filho. Ao chegarem à cidade, se instalaram na casa da já mencionada tia, Ema, cuja trajetória e história conhecemos na Introdução desta dissertação. Devido à sua formação na área de Engenharia Elétrica, ao chegar na cidade, com o apoio da tia que cedeu um ponto comercial ao sobrinho, Kalil montou uma loja de conserto de eletrodomésticos e eletrônicos para ter uma renda.

²⁴ No anexo da dissertação há um relato baseado na trajetória migrante de Mariam.

Como demonstrado por Pucci (2021), dentro da estrutura problemática de oportunidades que é ofertada a refugiados, é possível perceber que muitos sírios que vieram ao Estado de São Paulo a partir de 2011 trabalharam como cozinheiros e no comércio de eletrônicos, além de

²⁴ No anexo da dissertação há um relato baseado na trajetória migrante de Mariam.

professores de inglês e no comércio. A loja de conserto de eletroeletrônicos de Kalil fica no centro da cidade: é uma pequena porta com um pequeno espaço interno, que abrigava (no dia que o conheci) inúmeras televisões, liquidificadores e rádios. Contava ainda com um pequeno banheiro e duas cadeiras em mau estado de conservação.

Quando cheguei na loja e me apresentei, Kalil gentilmente disse que poderia conversar comigo e me pediu para sentar e aguardar enquanto ele terminava de atender um cliente. Ele estava disposto a falar sobre sua trajetória, mas também da história da formação do povo árabe e de sua contribuição até mesmo à cultura brasileira. Com entusiasmo, comentou que muito dos costumes gaúchos (como usar bombacha e fazer churrasco) eram de origem fenícia. Além disso, Kalil fez uma narrativa sobre a geopolítica da guerra da Síria.

A cidade de Homs, onde a família de Kalil morava, foi uma das cidades que ficaram sob o domínio do Estado Islâmico. Segundo ele, o Estado Islâmico é apoiado pelos EUA para a desestabilização da região:

Hoje em dia, os EUA não vai entrar em guerra mais. Depois do que aconteceu no Afeganistão, Iraque, eles perderam muitos soldados, perderam muito dinheiro, perderam, perderam, perderam, não tem mais coragem de exército entrar e hoje a guerra é para o mal do outro e não deles (Kalil, 2016).

Kalil também falou da Rússia, e que a Guerra Fria na região não acabou em 1989:

Rússia quando União Soviética acabou, voltou como grande Rússia, que tem costa larga na Política Internacional, única força para ela entrar com poder foi a Síria. Ninguém comprava mais arma da Rússia, agora vende todo tipo de arma. Então, interesses, interesses, quem está pagando a conta? Nós, o povo sírio (Kalil, 2016).

A percepção geopolítica de Kalil converge com a perspectiva que cientistas políticos e antropólogos denominaram como “Guerra Híbrida”²⁵,

²⁵ Veja-se, entre outros estudos, a tese de doutoramento de Piero Leirner (2020), na qual

que seria a utilização de meios difusos, como interceptação de e-mails de presidentes, empresas nacionais e apoio a grupos contra governos. Não seria, portanto, o conflito armado direto o único meio de desestabilizar política, econômica e socialmente um país para cumprir os interesses das grandes potências no cenário internacional.

3.1 O amparo social aos refugiados na cidade de Itapira

Assim como a maioria de imigrantes e refugiados ficam expostos a vulnerabilidades sociais, Kalil e Mariam também ficaram:

“ quando eu cheguei mandei currículos para as grandes empresas da cidade. Até me contrataram, mas para receber um salário de R\$900,00 e fazer trabalho de engenheiro, minha formação na Síria. R\$900,00 pagava só o aluguel da casa para família morar, então tive a ideia de montar a loja de conserto de eletrônicos e eletrodomésticos (KALIL, 2019)

A pessoa na condição de refugiada vivencia a vulnerabilidade social quando chega num novo país. Acessar a garantia de direitos humanos básicos demanda uma rede de apoio institucional que possa acolher, orientar, integrar e garantir o acesso a documentos, à carteira de trabalho, entre outros serviços que garantem o acesso a direitos de acesso burocrático. Há, ainda, a questão afetiva e das emoções, pois essas pessoas, em muitos casos, também sofrem a solidão e preconceitos (LUCCI; MARINUCI, 2018, p.02). Muitos empregadores veem na condição de vulnerabilidade dos deslocados uma forma de lucrar ainda mais com a exploração de sua força de trabalho (BENTO e SILVA, 2021; SILVA, 2014). Para Silva (2014), devido às condições de vulnerabilidade da maioria dos refugiados, “difundiu-se inicialmente a ideia de que eles aceitariam

qualquer tipo de trabalho, particularmente aqueles que exigem grande esforço físico e pagam baixos salários” (SILVA, 2014, p. 80).

Nas capitais, há instituições religiosas e da sociedade civil que ajudam no processo de acolhida e integração de estrangeiros na cidade. Porém, em uma cidade pequena, essa situação é crítica porque a cidade não possui instituições de poder público específicas para pensar ou atender demandas, exigências e necessidades de pessoas deslocadas de conflitos. As políticas públicas a nível federal de assistência social, na maioria das vezes, são as únicas que essa população têm acesso: isso quando possuem as informações necessárias para tais fins. Para Kalil e família, o apoio da tia que mora no Brasil há 60 anos os ajuda a ter mais acessos a essas informações e a conseguir a garantia de algum direito como foi a Bolsa Família, por exemplo.

Em entrevista, o funcionário local da Assistência Social me confirmou que eles participam de programas de assistência social do governo brasileiro e que a tia sempre os acompanha. Também destacou que, recentemente, agora que os filhos estão maiores e falam bem o português, eles ou Ema fazem a intermediação entre a sua mãe e os funcionários da Assistência Social. A família chegou a receber a Bolsa Família por meses, e isso foi muito importante para eles. Porém, as falas da família sempre ressaltam o quanto é caro morar no Brasil é também a falta um apoio maior, por parte do governo brasileiro, às pessoas refugiadas.

Em sua pesquisa etnográfica com refugiados sírios em cidades do Estado paulista, Silva (2020) ouviu de um dos seus interlocutores a mesma reclamação: ainda que o Brasil “abra portas” aos refugiados, não consegue garantir a eles direitos ou dar-lhes segurança. A autora aponta como um dos motivos a hierarquia da alteridade existente no país em que “(...) a posição ocupada por refugiados e imigrantes na sociedade brasileira depende igualmente de outros fatores, como o grau de submissão às condições de vida desiguais no Brasil, gênero e geração” (SILVA, 2020). É nesse sentido que meus interlocutores comparam a situação deles no Brasil com a de parentes e amigos que foram para países europeus, como

a Alemanha e Áustria, onde o governo paga o aluguel e também concede alguma renda às pessoas refugiadas. Segundo eles:

(...) a Europa está ajudando refugiados. Aqui, o Brasil dá cidadania mais fácil, mas só isso. Na Europa, por exemplo, minha tia fugiu para a Áustria, governo deu casa, deu plano de saúde, dá dinheiro para eles, dão dinheiro para cada pessoa. Então minha tia está vivendo bem, não precisa nada. Aqui no Brasil não, nem tem dinheiro. Como falei para você, sou engenheiro elétrico tentei trabalhar com meu diploma, não consegui. E decidi abrir loja aqui. (Dados do campo, 2019).

Quando conversei com Kalil no pré-campo, em 2016, ele expressava a vontade de revalidar seu diploma de Engenheiro Elétrico e exercer esta profissão no Brasil. Porém, em 2019, ele disse já não ter mais vontade de revalidar seu diploma²⁶, pois já estaria velho, mas também porque havia conseguido ampliar seus serviços fazendo instalação elétrica em casas e empresas. Isso teria melhorado sua renda e possibilitado conseguir pagar o aluguel de uma casa, comprar alimentos e tudo aquilo que a família precisava: já em uma condição diferente de quando chegaram na cidade. Meu interlocutor afirma, no entanto, que tudo aconteceu sem mediação institucional ou assistencial, somente pelo reconhecimento do seu trabalho.

Quando Kalil e sua esposa chegaram em Itapira, havia oito meses que eles haviam se casado na Síria, depois de dois meses de noivado. Segundo o casal, na Síria não há namoro, dois jovens que se gostam falam com a família, cada família marca um encontro para ser pedida a mão da noiva e, deste momento em diante, estão noivos. A duração do noivado varia de casal para casal: os pais de Kalil noivaram três anos antes do matrimônio, ao passo que eles tiveram um noivado mais breve. Quando falaram sobre como se casaram, Kalil comentou que “não é como aqui no

²⁶ O processo de revalidação de diplomas no Brasil é orientado pela Portaria Normativa de nº22, de 13 de dezembro de 2016. Esta salienta que é necessário encontrar uma universidade para realizar o processo, que conta com uma prova em português e o pagamento de um valor alto para pessoas em situação de refúgio, o valor poderia chegar a ser até de 20 mil reais. Em 2018 foi aprovada a Lei 16.685/2018 no Estado de São Paulo, e ela retira a necessidade de pagamento do processo de revalidação de diplomas a refugiados domiciliados no Estado de São Paulo.

Brasil que as pessoas namoram, noivam e se casam, para a gente na Síria não há namoro”. Eles se mostram compreensivos com a dinâmica que existe no Brasil e alguns de seus familiares, como irmão e sobrinha, têm namorados no Brasil e vivenciam um relacionamento de namoro e noivado diferente do que ele e seus outros familiares experienciaram na Síria.

3.2. Categorias e significações

Dentro do debate sobre refúgio, há trabalhos que são referência sobre o aspecto jurídico do Direito Internacional dos Refugiados, como as pesquisas de Liliana Jubilut (2003), Julia Bertino Moreira (2006) e César Augusto (2013), que trazem contribuições para a análise da política brasileira para refugiados. Mas, para além da análise jurídica, argumento que o refúgio é um tema profícuo para ser analisado também do ponto de vista etnográfico. Sendo, portanto, objeto de atenção etnográfica na presente pesquisa.

Segundo Machado (2020), há muitas pesquisas sobre o campo migratório a partir do viés jurídico. A etnografia com imigrantes e refugiados figura de maneira importante nesse campo por ser capaz de descortinar as particularidades das situações e relações dos refugiados com o Estado de acolhida, e que está fora da categorização, que pode ser entendida como um instrumental de controle e exclusão da população migrante. Etnografias como as de Hamid (2007, 2012), cuja dissertação sobre mulheres e refugiadas palestinas e sua tese sobre famílias palestinas reassentadas no Brasil, evidenciam as particularidades, identidades e fluidez da vida dos refugiados para muito além das categorizações, mostrando as relações, negociações e ressignificações produzidas por cada sujeito no contexto migratório que alcança as esferas local, nacional e internacional.

A categorização é um ato político. Categorizar os deslocados em refugiados, apátridas, deslocados internos e migrantes econômicos, entre outras formas, é uma forma de controle. Como assinala Bordieu (1998), o

discurso deve sempre uma parte muito importante de seu valor àquele que o domina. A categorização é um ato político e, nesse caso, possui também um caráter securitizador (BUZAN; WAEVER; WILDE, 1998) e de controle do regime espacial que dificulta o acesso a direitos de deslocados forçados.

Segundo Cunha (2017), os refugiados ao redor do mundo têm travado uma luta por reconhecimento para terem acesso a direitos. Os Estados possuem o dever e podem responder à Corte Internacional de Justiça por negarem asilo e proteção aos refugiados, mas a ótica securitária aplicada por todos os Estados no pós-Guerra Fria, e de forma mais acentuada a partir da Guerra ao Terror de 2011, justifica o exercício *stricto sensu* da soberania dos Estados no controle das fronteiras e no controle migratório. Ao invés de conduzir suas políticas migratórias a partir do viés dos Direitos Humanos, a maioria dos Estados utilizam o viés segurança para tratarem do tema. Para Pucci (2021), dentro do Estado humanitário, o refugiado deixa de ser refugiado quando se torna um sujeito político.

No contexto etnográfico da minha pesquisa, Kalil e Mariam não precisaram ter o reconhecimento como refugiados para poderem permanecer no Brasil, pois poucos meses após chegarem ao país, o primeiro de seus quatro filhos nasceu em solo brasileiro, sendo a categoria jurídica deles diferente do restante da família.

Segundo a Constituição Federal de 1988, que assegura quem pode ser considerado brasileiro nato ou naturalizado, estrangeiros após quatro anos de residência no país podem pedir a naturalização e os filhos de estrangeiros que nascem em solo brasileiro são considerados brasileiros natos. A Lei de Migração nº 13.445, de 24 de maio de 2017, prevê a redução da quantidade de anos de permanência no país e assegura a pais estrangeiros de filhos nascidos no Brasil, a obtenção da naturalização brasileira.

Mesmo tendo a sua situação regularizada no país, Kalil ajudou sua irmã e pais no processo de acesso ao que era, naquele momento, o

Registro Nacional de Estrangeiro²⁷ e desabafou sobre o quanto ficava caro, para eles, irem à Polícia Federal e a quantidade de burocracias. Quando perguntei sobre o processo de regularização no momento do estabelecimento da família dele na cidade, ele desabafou:

No começo estava muito ruim, agora deu uma melhorada. A única coisa a papelada tem atrasado muito, por exemplo, o RNE de refugiado está atrasado muito, a gente consegue pegar depois de um ano, um ano e meio, mais ou menos. Eles dão protocolo para gente, e espera o RNE, você sabe o que significa o RNE, é Registro de Nacionalidade de Estrangeiro, está saindo depois de um ano e está dando um ano só para refugiado. Um ano voa, por exemplo, nós moramos em Itapira, para ir para Campinas, temos que ir de carro particular, nós não sabemos andar lá, não é prático. Você chega lá bem cedo para pegar fila, adianta papelada e tal, paga pedágio, paga motorista, paga, paga. Está saindo muito caro, está caro as coisas. Brasil precisa achar um jeito de fazer pela internet, pelo menos. A gente não tem mais dinheiro, como vai arcar com isso. Agora quem mora em Campinas, tudo bem. Quem mora em São Paulo, tudo bem. Quem mora em outras cidades é preciso achar um jeito de facilitar, de pensar na gente. Quando fica pronto a gente vai para assinar, pega assinatura pela internet, manda documento pelo endereço, manda correio pegar assinatura de pessoas, tem muitas coisas para fazer, para facilitar para gente. Porque hoje em dia, pegar táxi ida e volta até Campinas é R\$ 150,00, não é pouca coisa ainda mais com a crise que está passando o país (Dados do pré- campo, 2016).

A família de Kalil chegou antes de 2013, quando o Estado brasileiro passou a fornecer a concessão de visto humanitário aos atingidos pelo conflito sírio. O visto humanitário é regulamentado pela Resolução Normativa nº 17, de 20 setembro de 2013, do CONARE (Comitê Nacional para Refugiados), e é expedido nos consulados do Brasil no Líbano e na Jordânia, uma vez que, devido à guerra, o consulado do Brasil na Síria foi fechado.

Além dos laços históricos que unem a República Árabe da Síria ao Brasil, onde reside grande população de ascendência síria, a crise humanitária, o alto número de refugiados, a constante busca por refúgio em território brasileiro, as dificuldades dos refugiados de chegarem até o território brasileiro para solicitar refúgio, a excepcionalidade do caso e a

²⁷Antes de 2017, a concessão legal de permanência do Estado brasileiro ao estrangeiro

necessidade de facilitar o deslocamento desses refugiados ao território brasileiro para a concessão do refúgio, foram fatores determinantes para a concessão do visto humanitário às vítimas do conflito na Síria (ITAMARATY, 2021). A normativa de 2013 estava prevista para vigorar até 2015. Contudo, foi estendida até o ano de 2017. Com a nova Lei de Migração, os vistos humanitários que eram temporários apenas para sírios e haitianos passaram a ser passíveis às pessoas apátridas ou a quaisquer pessoas de países que passem por alguma instabilidade, conflito armado e/ou violação dos Direitos Humanos.

Em termos identitários, meus interlocutores se entendem como árabes que, neste momento, moram no Brasil. Se compreendem também como refugiados, e em algumas ocasiões usam e se apresentam a partir dessa categoria como quando são chamados em escolas e outras instituições para falarem sobre a Guerra na Síria. Utilizaram-na, inclusive, para solicitar bolsas de estudos aos filhos, como me contou Mariam. E embora Kalil e Mariam não compreendam a si mesmos como refugiados, devido à sua situação jurídica migratória no país, eles são refugiados de guerra e essa categoria é utilizada pelo casal. Contudo, variam as situações em que eles acionam essa categoria. Eles acionam a categoria refúgio correspondendo à demanda da sociedade itapireense, como quando “chamaram Kalil para palestras em escolas para falar da nossa vida de refugiados” (Entrevista concedida em 2016), sendo essa uma forma percebida por eles para ter ajuda e acolhimento na cidade.

Numa das conversas, ela desabafou sobre como, ao longo dos anos, a sociedade itapireense mudou o olhar para com eles. Quando chegaram à cidade, Mariam disse que havia no Brasil muita exposição na mídia sobre o conflito sírio e que as pessoas eram sensíveis a ajudá-los por saberem da vida difícil dos refugiados. Quando seus dois filhos mais velhos entraram em idade escolar, em 2015, uma das escolas particulares da cidade ofereceu bolsa de estudos a eles, e ambos foram mesmo estudar nesta escola. Em 2020, contudo, quando a terceira filha do casal entrou em idade escolar e eles pediram uma bolsa para ela, a escola

negou já na primeira solicitação²⁸. Segundo Mariam “eles pensam que a tia do Kalil possui bens e nós já estamos há um bom tempo na cidade, pensam que podemos pagar a escola da minha filha mas ainda não é a realidade da minha família” (Mariam, 2019).

Essa mudança do olhar para com eles, por parte das pessoas, também foi percebida pelo padre de uma das igrejas católicas da cidade. A igreja, aliás, era um lugar por eles frequentados quando do início de sua estadia na cidade: em geral, era constante a presença deles. Segundo o padre, quando eles chegaram as pessoas da paróquia os ajudaram, mas depois, em um segundo momento, começaram a ter uma grande resistência de oferecer-lhes qualquer auxílio alegando que, “por serem turcos”, seriam pessoas mal-intencionadas, espertas. O padre comentou que, em suas homilias, fazia a sensibilização sobre a condição de refúgio e das figuras de estrangeiros relatadas na Bíblia: seu objetivo, ressalta, era tentar abrir o coração e a mente dos paroquianos para com as famílias de refugiados sírios. Com frequência, o padre faz visitas à loja de Kalil, que fica próxima à igreja e se faz próximo deles. Com tristeza, ressaltou que eles diminuíram a frequência e participação nas missas e na catequese por não serem bem acolhidos pelas pessoas, que os olham com estranheza e indiferença.

Essa diferença das pessoas da cidade para com eles é sentida e relatada por Mariam. Segundo ela, nem os vizinhos os cumprimentam, o que configura um cenário oposto aos que eles tinham na Síria, onde as relações de amizade eram muito importantes. A comensalidade, por exemplo, era algo muito experienciado por eles com familiares e amigos.

Michelle Obeid (2010), ao fazer o seu trabalho de campo na cidade libanesa de Aarsal, percebeu que, embora as relações de parentesco para essa população árabe fossem marcadas pela descendência, mudanças econômicas e sociais da cidade interviam na dinâmica das relações de sociabilidade, e que a amizade se configurava e era entendida pelos moradores como algo muito próximo do parentesco. A autora salienta que, embora a amizade corresponda a uma relação próxima e de grande

²⁸ Na nova tentativa de adquirir a bolsa de estudos à filha, a família conseguiu o benefício.

vínculo entre as pessoas, ela não pode ser entendida como parentesco. Contudo, configura uma relação cujos laços são parecidos (OBEID, 2010, p. 94), de modo que a amizade figura de maneira muito importante nas relações. Mariam sentia muita falta de amigas na cidade.

A solidão pesa muito mais sobre ela, visto que o esposo fica na loja e conversa com outras pessoas, enquanto ela fica em casa, com os filhos e só conversa com sua mãe, irmão e sogros e sempre em árabe. A relação dela com as cunhadas, que poderiam ser suas amigas, não é boa. Segundo Mariam, “para elas eu sou culpada pelo afastamento e cuidados, inclusive financeiros, do irmão mais velho para com elas e suas filhas” (Mariam, 2019).

Na família síria, o primogênito deve exercer o cuidado da família: se a irmã for divorciada, é o irmão mais velho que deve cuidar dela. Mariam qualificou como “período de escuridão” os anos de convivência na casa da tia de Kalil, onde dividia os espaços com as cunhadas, sobrinhas e amigos da família, ainda à época em que todos, recém chegados a Itapira, viviam na mesma casa. Segundo ela, o esposo ajudava financeiramente as irmãs antes de eles terem o primeiro filho. Com sua própria família, e com as dificuldades financeiras na adaptação na cidade, Kalil teve que deixar de auxiliar as irmãs e sobrinhas como fazia. Seu matrimônio e o nascimento dos filhos gerou muitos conflitos entre elas e Mariam. Depois que eles saíram da casa da tia para uma casa só para eles, Mariam disse que sua vida mudou muito e para melhor.

O isolamento forçado de Mariam a deixa numa condição de maior dificuldade para aprender a língua portuguesa, o que também influencia sobre a sua integração, além do impacto nas dimensões afetiva e social. Eu percebia que quando ia à sua casa, era como se ela tivesse uma oportunidade de falar português, conversar sobre seus sentimentos e sonhos, tendo comigo uma relação de amizade. A solidão de Mariam também vinha do fato da tia Ema ser a intermediária deles na cidade. Segundo o funcionário da Assistência Social da cidade, é ela que vai com eles e realiza a intermediação para a solicitação dos benefícios do governo brasileiro.

Minhas visitas eram muito celebradas por ela e pelos filhos, que já me reconheciam como a amiga da sua mãe. Graças à interação que eu tinha com eles, principalmente com a menina, ela traduzia as palavras que sua mãe não sabia em português e ela também conversava bastante comigo. Fui convidada para as festas de aniversário dos seus filhos e ela me apresentava aos presentes como sua amiga. Nesses aniversários, sempre notava a falta da presença das irmãs e sobrinhas de Kalil. Estavam presentes: os pais e a tia de Kalil, a mãe e irmão de Mariam, que vieram por intermédio dela morar em Itapira no ano de 2016, um casal de amigos brasileiros da cidade vizinha (Mogi Guaçu/SP), onde Kalil comprava as peças para os consertos em sua loja, além de uma amiga de escola da filha acompanhada por seus pais.

Essas festas de aniversário foram momentos importantes para esta pesquisa, pois eram ocasiões onde se podia ouvir histórias e relatos de toda a família e observar as relações, a sociabilidade e ritos por eles reinventados. Digo reinventado porque era muito interessante que o som ambiente no decorrer do aniversário era de música árabe e na “hora do parabéns”, a música era cantada pela Xuxa ou pelos palhaços Patati e Patatá: sempre em português.

Havia algumas coisas diferentes no rito do aniversário que Kalil sempre gostava de ressaltar como o fato dos parabéns ser cantado no início da festa e não no final, como nos aniversários brasileiros. A mesa é farta, com doces, salgados e o bolo, que Mariam passava a semana toda fazendo. Na mesa havia pratos árabes e brasileiros como cachorro-quente e minipizza que apresenta um aspecto multicultural de rearranjos de aspectos sírios e brasileiros. A mesa evidencia uma característica da cultura síria que preza pela abundância e generosidade à mesa: primeiro se serve com fartura e o convidado deve se servir fartamente (PUCCI, 2021). As porções servidas eram muito generosas e Kalil me explicava que era falta de educação o convidado não comer o que foi servido pelo anfitrião. Em geral, sempre saía sempre muito satisfeita das festas de aniversários que participei.

Jardim & Peters (2005), em um artigo sobre casamentos árabes e a

recriação de tradições entre imigrantes, percebe que em momentos de festas e rituais “as pessoas experienciam e reelaboram questões sociais pautadas pelo grupo (...) e que o desafio para o cientista social é compreender o que essa experiência humana está comunicando” (JARDIM; PETERS, 2005, p. 204). Tal constatação, com efeito, condiz com a realidade que a festa de aniversário me apresentou, pois trouxe diferentes aspectos que servem para análise do ritual do aniversário e a dimensão multicultural, das relações familiares, em um processo de significação e ressignificação.

Após o controle da Covid-2019 e o fim do distanciamento social, voltei a visitá-los no ano de 2021. Do aniversário de 2019 ao último que fui, em 2021, percebi mudanças que tornavam patente como o contato e formação de amizades brasileiras trouxeram características ainda mais peculiares de uma festa de aniversário síria-brasileira. Em 2021, o casal já não esperou mais todas as pessoas chegarem para começar a servir a comida. À maneira das festas brasileiras, deixaram os convidados servirem-se dos pratos salgados e, ao final, cantaram os parabéns. Os pratos continuaram árabes e alguns pratos brasileiros. Segundo Mariam, que prepara toda a comida e o bolo:

[...] “eu não gosto mas meus filhos são brasileiros né, gostam de bolo de cenoura, coxinha, de salgados como coxinha e pastel eu gosto, eu não gosto de comida como cuscuz, arroz e feijão, muito pesado para mim, mas eles brasileiros, gostam” (Mariam, 2021).

Nesse dia, percebi o quanto algumas coisas mudaram desde o primeiro dia que conversei com Mariam, no quanto ela estava mais segura de afirmar sua identidade, como ser cristã ortodoxa, o que gosta e não gosta: suas escolhas, enfim. Kalil, ao falar que agora é o profissional mais procurado da cidade para consertos, e que tem realizado instalações elétricas em casas de pessoas da elite, atesta as transformações da vida e de como estavam depois de um sentimento de exclusão, sendo agora reconhecidos na cidade.

A trajetória de Mariam e Kalil indicam o quanto a categoria refugiado não consegue abarcar as diferentes realidades das pessoas que são forçadas a se deslocar. Ao chegar em outro país, essas pessoas passam por experiências diversas, diferenciando das condições e do espaço restrito das categorias, que invisibilizam grupos para negar-lhes direitos.

CONCLUSÃO

Migrar é um direito humano: ao longo da história da humanidade, as pessoas sempre migraram em busca de melhores condições de vida. Porém, dentro do atual sistema econômico, político, social em que o sistema internacional funciona, o capitalismo, muitos deslocamentos forçados de grande parte de populações que são atingidas por guerras, fome, perseguições políticas, étnicas ou religiosas, são ocasionadas pela própria dinâmica de um sistema que impacta diretamente sobre a vida e subjetividade de milhares de pessoas. A interdependência econômica gerada pela economia internacional e globalizada acabou se tornando o motivo de grandes fluxos migratórios que surgiram no final do século XIX e início do século XX: período em que a Europa industrializada passou por uma alta transição demográfica populacional, enfrentou duas guerras mundiais e, de certa forma, incentivou sua população a migrar para outros

lugares do mundo em busca de melhores oportunidades, muitas vezes num processo negociado como foi o caso da Itália e Brasil e com a imigração subsidiada.

O país que mudava de regime político e de exploração econômica, na mudança de trabalho escravo para o livre, encontrou na figura do imigrante europeu uma resposta aos problemas postulados por suas elites, branquear a população brasileira e ter mão de obra barata para sustentar a produção do café e a industrialização e urbanização que o ciclo do café gerou.

Esses imigrantes, assim como postulam Glick Schiller et al. (1995, p.350), são transmigrantes, que são “imigrantes cujas vidas diárias dependem de interconexões múltiplas e constantes por meio de fronteiras internacionais e cujas identidades estão configuradas em relação a mais de um Estado- Nação” e que os “processos transnacionais estão localizados dentro da experiência de vida de indivíduos e famílias, formando a urdidura e o tecido das atividades diárias, dos interesses, medos e realizações” (SCHILLER et. al, 1995, p. 356).

A trajetória dos interlocutores desta dissertação se dá nesse processo de serem transmigrantes que chegam ao interior paulista por intermédio de uma familiar que será o centro de uma rede apoio para suas vindas e permanência no Brasil, comprovando a ligação das diferentes gerações migratórias árabes com a mais recente, formada pelos deslocados forçados e refugiados da guerra da Síria.

Visto que é uma família estendida, o deslocamento reconfigurou as relações familiares. Nas migrações transnacionais costuma-se compreender a família como algo dado. Para ter um instrumento metodológico mais abrangente, Machado (2010, p.05) acredita que a noção de *relatedness* postulada por Janet Carsten seja o “termo mais adequado ao estudo do “parentesco” em contextos como os migratórios” por ajudar na compreensão dos reordenamentos que o deslocamento provoca nas relações de parentesco dos imigrantes e refugiados²⁹ que, ao migrarem ou se refugiarem noutro país, estão sujeitos a mudanças e permanências na forma de se relacionar dentro da família, no papel do homem, da mulher, dos filhos, parentes e nos desafios que a nova sociedade coloca para a integração e inserção em empregos e no convívio social.

A partir desta pesquisa, ficam patentes alterações na relacionalidade das famílias migrantes tanto no início do século XX, quanto nas do início do século XXI. A primeira mudança ocorre na ordem das relações e convivência dessas famílias interlocutoras. No período de adaptação ao país, todos foram morar juntos e em uma mesma casa: a casa da tia, onde irmãos, sobrinhos, primos e amigos da família que vieram para a cidade dividiram o mesmo espaço. Como Mariam relata, foi um “momento de escuridão”, pois os conflitos, desavenças e disputa por dinheiro impactaram nas relações familiares.

²⁹ Imigrante e refugiado pertencem a categorias diferentes. Imigrante é quem migra para um outro país em busca de melhores condições de vida e refugiado “Refugiados são pessoas que estão fora de seus países de origem por fundados temores de perseguição, conflito, violência ou outras circunstâncias que perturbam seriamente a ordem pública e que, como resultado, necessitam de “proteção internacional” (ACNUR,2020).

As semelhanças e permanências no processo de integração das famílias de Hamir, Kalil e Hana se assemelham àquelas vivenciadas pela tia, e estão relacionadas à dificuldade de comunicação (idioma), à exclusão social e à visão preconceituosa que a sociedade receptora possui em relação a eles. Diz respeito, também, às oportunidades de viver e ter uma vida melhor em território estrangeiro: como a trajetória de Kalil que, em 2016, tinha poucos clientes em sua loja, mas que, em 2022, afirmou ser considerado o melhor e o mais procurado para serviços de assistência elétrica e eletrônica.

A trajetória de Kalil e sua família também evidencia que as categorias migratórias homogenizam e enquadram refugiados num processo que retira sua identidade, suas peculiaridades e as diversas possibilidades e modos de existência que cooperam com os processos de invisibilização para a manutenção da vulnerabilidade social e retirada de direitos: este é o caso, por exemplo, quando Kalil comenta que queriam que ele fizesse trabalho de engenheiro e o pagavam muito abaixo do serviço que fazia. Também é observável pelo fato de ele e Mariam serem legalmente naturalizados brasileiros e de terem, em sua família, pessoas categorizadas de formas diferentes: imigrantes, naturalizados e refugiados.

Além da adaptação, as trajetórias de refugiados religiosos e de conflitos são marcadas pelas memórias da violência que sofreram e que, de certa forma, os mantêm ligados (ou não) à sua terra natal. Como exemplo, temos Sara e Zara que ainda possuem o pai na Síria, e também Mariam que trouxe sua família para cá. O silêncio foi uma das formas de lidar e ressignificar essas violências para que a vida pudesse seguir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACNUR. **Tendências globais sobre refugiados e outras populações de interesse do Acnur.** Disponível em: <http://www.acnur.org/pt-br/refugia-dos/#_ga=2.158596538.1497289208.15356434011015191237.1533857056>. Acesso em: 30/08/2018.

ALMEIDA, Alexandra Gomes. **Refúgio e imigração em São Paulo: uma análise através da realidade de mulheres imigrantes negras.** 2021. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSCar. No prelo.

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural.** [Structural Racism]. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6

ANSART, Pierra. **História e Memória dos Ressentimentos.** In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia. Memória e Ressentimento: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Imigração em São Paulo.** Disponível em: <<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/imigracao/estatisticas.php>> Acesso em: 20/01/2023

As diferenças entre sunitas e xiitas, que explicam boa parte dos conflitos no Oriente Médio. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51068470>> Acesso em: 12/02/2023.

BAENINGER, Rosana. Migrações Transnacionais de refúgio: a imigração síria no Brasil no século XXI. In: CIERCO, Teresa et al. **Fluxos migratórios e refugiados na atualidade.** Rio de Janeiro (RJ): Fundação Konrad Adenauer Stiftung, 2017.

BASSANEZI, Maria S. C. B.; BAENINGER, Rosana. **Trajetória Demográfica no Estado de São Paulo, na capital e em outros municípios.** Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú/MG – Brasil, de 18 a 22 de setembro de 2006”.

BASSI, Danilo; LEÃO, Augusto(Org.).**Para começar a entender o Estado Islâmico.** Rio de Janeiro : Ed. UFRJ, 2023. 1 recurso eletrônico (399 p.) ; digital.

BON MEIHY, Renan. Refúgios e diásporas: Identidade religiosa e memória coletiva entre refugiados do conflito sírio assentados em São Paulo.

Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, 2019.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. República Árabe da Síria. Disponível em: < <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/ficha-pais/5513-republica-arabe-da-siria>>. Acesso em: 01/04/2017.

BRASIL, Decreto Lei nº 406, de 4 de maio de 1938. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. Disponível em: < <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 10/01/2023.

CAMPINAS. Disponível em < <https://www.campinas.sp.gov.br/sobre-campinas/campinas.php#:~:text=A%20%C3%A1rea%20em%20que%20hoje,rural%20da%20Vila%20de%20Jundia%C3%AD>>. Acesso em 17/01/2023.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. Relatório Anual 2021 – 2011-2020: **Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil. Série Migrações**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021.

CUNHA, Gabrielle. Refugiados e deslocados forçados: da exclusão para uma política de reconhecimento. **Revista Diplomate**, v. III, 2017.

DAS, Veena. **Vida e palavras: a violência e sua descida ao ordinário**. Veena Das; tradução: Bruno Gambarotto. São Paulo: Editora Unifesp, 2020. 312 p.

Estado e Municípios: Itapira. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/itapira.html>> Acesso em 18/01/2022.

FERNANDES, Mayara de Camargo. **Imigração e ocupação em Campinas do final do século XIX ao início do século XX**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Demografia, UNICAMP: Campinas, SP, 2016.

SEYFERTH, G. (2002). **Colonização, Imigração e a questão racial no Brasil**. *Revista USP*, (53), 117-149.

GONÇALVES, P. C. (2017). **Escravos e imigrantes são o que importam: fornecimento e controle de mão de obra para a economia**

Agroexportadora oitocentista. *Almanack*, (17), 307–361.
<https://doi.org/10.1590/2236-463320171710>

HAMID, Sonia. **Entre a Guerra e o Gênero: Memória e Identidade de Mulheres Palestinas em Brasília**. Dissertação (Mestrado). Mestrado em Antropologia, UNB, 2007.

HAMID, Sonia. (Des) **Integrando Refugiados: Os Processos do Reassentamento de Palestinos no Brasil**. Tese (Doutorado). Doutorado em Antropologia, UNB, 2012. IBGE.

KARAM, J.T. **Um outro Arabesco: Etnicidade sírio-libanesa no Brasil neoliberal**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

KHOURI, Juliana Mouawad. **Pelos caminhos de São Paulo: a trajetória dos sírios e libaneses na cidade**. 2013. 280 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Judaicos e Árabes)- Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

KOFES, Suely. Narrativas biográficas: que tipo de antropologia isso pode ser? In: KOFES, S; MANICA, Daniela (Orgs.). **Vida & Grafias: narrativas antropológicas entre biografia e etnografia**. Rio de Janeiro: Lamparina e FAPERJ, 2015.

KONSTAN, David. História de uma emoção. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.) **Memória e (Res) Sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas, SP: Editora Unicamp. 2014.

LEIRNER, Piero de Camargo. **O Brasil no Espectro de uma Guerra Híbrida: Militares, Operações Psicológicas e Política em uma Perspectiva Etnográfica**. São Paulo: Alameda Editorial, 2020.

MOREIRA, Assis. **Número de brasileiros morando no exterior nunca foi tão grande como agora**. Disponível em: < <https://valor.globo.com/eu-e/noticia/2021/09/03/numero-de-brasileiros-morando-no-externo-nunca-foi-tao-grande-como-agora.ghtml> > Acesso em 28/01/2022.

NEPO. Banco Interativo do Observatório das Migrações de São Paulo- Imigrantes internacionais com a condição de refúgio registrados no Sistema Nacional de Cadastros e Registros de Estrangeiros (SINCRE), entre 2000- 2016, nascidos na Síria e residentes no Estado de São Paulo. Disponível em: <<https://unicamparcgis.maps.arcgis.com/apps/opstdashboard/index.html#/9d66a6e333be4f4aa09028daf619968e>>. Acesso em 17/08/2018.

“Notas técnicas: Vidas perdidas e racismo no Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/igualdaderacial/index.php?option=com_content&view=article&id=782>. Acesso em: 02/02/2023

MACHADO, Igor José de Renó (Org.). **Etnografias do refúgio**. São Carlos: Edufscar, 2020.

MOHAMMED, Yasmin. **O NACIONALISMO ÁRABE E O PARTIDO BAATH:: UMA ANÁLISE DA POLÍTICA EXTERNA DA SÍRIA DA ASCENSÃO DE HA- FEZ AL-ASSAD (1970-2000) À PRESIDÊNCIA DE BASHAR AL-ASSAD** (2000-2010). 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Relações Internacionais, Estudos Estratégicos Internacionais, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: . Acesso em: 20 setembro 2016.

Município-História. PORTAL CIDADE DE ITAPIRA. Disponível em: < <http://www.cidadedeitapira.com.br/portal/municipio-historia>>. Acesso em 18/01/2022.

OBEID, Michelle. Friendship, kinship and sociality in a Lebanese town. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/292865603_Friendship_kinship_and_sociality_in_a_Lebanese_town. Acesso em 25/10/2020.

PALMA, Roberto; TRUZZI, Oswaldo. Imigração e racialização: branquitude e poder no interior paulista. In: TRUZZI, Oswaldo (Org.). **Migrações internacionais no interior paulista: contextos, trajetórias e associativismo**. São Carlos: Edufscar, 2021.

PARREIRA, Carolina. Veena Das - apresentação biográfica e principais conceitos (Aula 01 - Curso de Difusão FFLCH-USP). Youtube, 24 de out. de 2018. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8-u3wz9xPXE&t=132s>>.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia não é método**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez. 2014. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832014000200015>

PEREIRA, Alexandre Branco. **Viajantes do tempo: imigrantes-refugiadas, saúde mental, cultura e racismo na cidade de São Paulo**. Curitiba: CRV, 2020.

PEREIRA, Alexandre Branco. **Viajantes do tempo: as coreografias ontológicas de modernos e pré-modernos no contexto migratório brasileiro**.

In: MACHADO, Igor José Renó (Org.). **Etnografias do refúgio**. São Carlos: Edufscar, 2020.

POLLAK, M. **Memória, esquecimento e silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PUCCI, Fábio Martinez Serrano. **Trajetórias de sujeitos em situação de refúgio em relação as organizações humanitárias: possibilidades de acolhimento em São Paulo e Toronto**. 2021. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFSCar, 2021.

PNUD BRASIL. Índice de Desenvolvimento Humano 2020. Disponível em: < <https://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html> > Acesso em 18/01/2022.

ROJAS, Massiel A. **GURBAH SIRIA: EXPERIENCIAS DE REFUGIO EM FLORIANÓPOLIS**. 116 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2021.

SCHILLER, N. G., BASCH, L., & BLANC, C. S. (2019). **De imigrante a transmigrante: teorizando a migração transnacional**. *Cadernos CERU*, 30(1), 349-394.

SAYAD, Abdelmalek. **O que é um imigrante**. In: SAYAD, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*; tradução Cristina Murachco. São Paulo Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

STRATHERN, Ann Marylin. **O efeito etnográfico e outros ensaios**. Tradução: Iracema Dulley; Jamille Pinheiro e Luiza Valentini. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

SILVA, Juliana Carneiro da. **Relações de parentesco de refugiados e solicitantes de refúgio sírios em São Bernardo do Campo (SP)**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFSCar. No prelo.

SILVA, Juliana Carneiro da. **Contradições no acolhimento de refugiados no Brasil**. Disponível em: < <https://diplomatique.org.br/contradicoes-no-acolhimento-de-refugiados-no-brasil/> >. Acesso em 10/10/2020.

SILVA, Victor Hugo Martins Kebbe da. **Mídia e refúgio**. In: MACHADO, Igor José Renó (Org.). **Etnografias do refúgio**. São Carlos: Edufscar, 2020.

TRUZZI, Oswaldo Mário Serra. **Patrícios sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Huicitec, 1997.

_____. Presença árabe na América do Sul. **Revista História-Unisinos**, Rio Grande do Sul, v. 11, n. 3, p. 359-366, 2007.

_____. O lugar certo na época certa: sírios e libaneses no Brasil e nos Estados Unidos- um enfoque comparativo. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 27, 2001, p. 110-140.

_____. **Patrícios: sírios e libaneses em São Paulo**. São Paulo: Editora: UNESP, 2009.

_____. Sociabilidades e Valores: Um Olhar sobre a Família Árabe Muçulmana em São Paulo. In: DADOS – **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, Vol. 51, no 1, 2008, p. 37 a 74. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/dados/v51n1/a02v51n1>>. Acesso em: 10/07/2017.

VILLEN, Patrícia & DIAS, Gustavo Dias. 2021. "**Migração - Abdelmalek Sa- yad**". In: *Enciclopédia de Antropologia*. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia. Disponível em: <https://ea.fflch.usp.br/conceito/migracao-abdelmalek-sayad>

ZAHREDDINE, D. (2013). **A crise na Síria (2011-2013):** uma análise multifatorial. *Conjuntura Austral*, 4(20), 6–23.

ANEXO A- Roteiro de perguntas para entrevista com servidor da Assistência Social da cidade de Itapira- SP

Questionário para a pesquisa “Da Síria a São Paulo: a vinda de refugiados sírios no interior paulista do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da UFSCar da pesquisadora Gabrielle Da Cunha

Obs.: Os dados serão mantidos em sigilo

Nome:

Formação:

Função:

1. Quais nacionalidades estão presentes na cidade e a Assistência Social prestou atendimento?
2. Quais benefícios sociais refugiados/imigrantes tiveram acesso?
3. Desde qual ano as famílias sírias que vivem em Itapira tiveram acesso a programas sociais?
4. É promovido pela gestão municipal curso de português ou outra ação de atenção a população imigrante-refugiada da cidade ?
5. Você sabe de ações governamentais ou da sociedade civil que realiza trabalhos que promovam os direitos humanos na cidade?
6. Quais são as principais dificuldades enfrentadas no seu atendimento a esses imigrantes-refugiados?
7. Que medidas poderiam ser tomadas para reduzir essas dificuldades?
8. Recorda-se de alguma situação que lhe tenha marcado na convivência com esses imigrantes- refugiados, algum acontecimento que tenham lhe relatado ou mesmo que você tenha presenciado?

O estar e o não lugar no mundo

*Gabrielle Da Cunha**

Este relato é baseado nos relatos e observações de campo ocorrido entre os anos de 2019 e início de 2020 a partir da experiência migrante de uma refugiada síria, que é uma das interlocutoras da minha pesquisa de mestrado, ainda em andamento, intitulada “De Homs à Itapira: o deslocamento de famílias refugiadas sírias ao interior paulista” e tem o intuito de gerar reflexões sobre as mudanças trazidas pelo deslocamento nas relações familiares, nas relações com a sociedade em que a refugiada está inserida e o cotidiano dela nesse contexto da pandemia da Covid-19.

Os nomes citados no texto são fictícios.

-&-&-&-**

Junho de 2020. Mais um dia, levanto, faço o café, ouço os gritos das crianças brigando pelo controle da tv, dou o que comer a elas, elas ligam meu celular e do meu esposo para as aulas online, arrumo a casa, faço o almoço, ufa! Descanso no sofá, olho minhas redes sociais, lavo a louça, faço o café da tarde, cuido das crianças, faço a janta, lavo a louça do jantar, sento para descansar, ouço notícias da Síria e sobre a pandemia da Covid-19 na cidade, arrumo as crianças para dormir e vou dormir.

Com quatro filhos, morando num país e cidade diferente, vivo um dia de cada vez... quando as crianças crescerem terei mais tempo, sempre falo pra mim: “Mariam, quando eles crescerem você fará tudo o que quiser”, uma forma de eu não desabar perante tantas ocupações e me conformar que se hoje renego minhas vontades, um dia as realizarei.

Embora tenha minha mãe e irmão vivendo na mesma cidade, me sinto muito só, não tenho com quem falar sobre coisas de mulher, da vida, das crianças.

Deixei muitas amigas na Síria, a constante visita a familiares, amigos que faziam parte da minha rotina na Síria não faz parte da minha rotina no Brasil.

A cidade em que habito é no interior de São Paulo, é bem antiga e bem conservadora não só nos prédios antigos que encontramos no centro da cidade, mas também na forma como as pessoas pensam e se relacionam por aqui. Sou estrangeira, sou a estranha e na minha vizinhança, nem bom dia me dão.

* *Mestranda em Antropologia Social pela UFSCar (Universidade Federal de São Carlos). Pesquisadora do LEM-UFSCar (Laboratório de Estudos Migratórios).*

** optou-se por manter a narrativa desse relato tal qual recebemos, respeitando a composição das frases e sua organização gramatical originais (nota do editor).

Certa vez vi o sr. Roberto, vizinho da casa ao lado, correr fechar o portão quando eu passava só para não conversar ou dar bom dia, na Síria ouvia falar que os brasileiros eram hospitaleiros e percebo que não são todos os brasileiros que o são.

Somos árabes católicos romanos, na Síria, éramos poucos, mas aqui no Brasil, como cristãos, fazemos parte da maioria da população, mas fui poucas vezes à igreja aqui no Brasil, não sinto fazer parte da comunidade e faço minhas orações em casa, com a família.

Na Síria, antes da guerra não sentíamos tanta diferença entre cristãos e muçulmanos, mas no decorrer da guerra, essa diferença foi realizada e delimitada, meus sogros tiveram a casa explodida por um homem bomba da ISIS, eles e minha cunhada moravam na área comandada pelo grupo no início da guerra, além do conflito, precisamos escapar da perseguição religiosa que o grupo extremista Estado Islâmico começou a empreender contra os cristãos, que quando não nos matava nos escravizava e se apropriavam dos nossos bens.

Meu sogro era muito bem-sucedido, e saiu sem nada da Síria, seu último investimento foi a compra das nossas passagens de avião para o Brasil.

Minha chegada ao Brasil também não foi fácil, cheguei grávida, havia me casado recentemente, e morei na casa da tia do meu esposo com seus pais, irmãos e conhecidos nossos, que foram acolhidos na casa da tia Ema, que também é imigrante síria e chegou ao Brasil na década de 1940.

Nessa casa minha vida era muito escura, pois minhas cunhadas não me tratavam bem, um dos amigos da família tentou dar golpe no meu esposo, e tive três filhos, era difícil, reclamavam do barulho das crianças, queriam que meu esposo deixasse de comprar coisas para as crianças para dar a eles e eu era a culpada, a culpada por meu esposo não garantir economicamente a vida das minhas cunhadas e sobrinhas como ele fazia antes de se casar comigo.

Graças a Deus já faz três anos que moramos numa casa só minha família, meu esposo que é engenheiro elétrico abriu uma loja de conserto e faz instalações elétricas em casa e empresas. Ele também sofreu bastante quando chegou ao Brasil, ele até tentou trabalho em empresas mas as que queriam empregar ele queriam o contratar com um salário muito, muito baixo.

Ouvi dizer que isso acontece com refugiados aqui no Brasil, os brasileiros querem aproveitar da mão de obra e lucrar muito em cima da gente, ainda bem que Raji, meu esposo, é muito inteligente e fala muito bem português e sabe das leis do Brasil.

Quando na tv brasileira o assunto da Guerra na Síria e sobre refugiados começou a ser frequente, muitos jornais da cidade vinham nos entrevistar, conseguimos bolsa em escola particular para nossos filhos, meu esposo ia em escolas para falar sobre a guerra e ficamos conhecidos na cidade. Hoje já não é mais assim, como a tia Ema tem um comércio na cidade, já não foi fácil conseguir bolsa na escola particular para minha filha mais nova, pois pensam que a tia ou a gente pode pagar, já que meu marido tem uma loja de conserto de eletrodomésticos e faz serviços na cidade.

É assim, nos enxergam quando convém, somos refugiados em alguns momentos, em outros somos cidadãos normais da cidade, para acolhida e acesso à cidade e a direitos somos estrangeiros, para pagar algo somos como qualquer brasileiro.

A vida no Brasil não tem sido fácil, mas poderia ser muito pior se estivéssemos na Síria, ou em campos de refugiados no Líbano, ainda mais agora na pandemia, apesar das dificuldades gosto daqui e não vejo um futuro a não ser no Brasil.



Ilustração de João Henrique Cadoni Negri